



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB

INSTITUTO DE ARTES-IDA

DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS -CEN

**DENÚNCIA DE UMA CRYATURA:MULHERIDADE NA EDUCAÇÃO
BÁSICA COLONIAL BRASILEIRA LATINA SUL-AMERICANA**

AYSHA LION

BRASÍLIA

2022



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB

INSTITUTO DE ARTES-IDA

DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS -CEN

**DENÚNCIA DE UMA CRYATURA: MULHERIDADE NA
EDUCAÇÃO BÁSICA COLONIAL BRASILEIRA LATINA SUL-
AMERICANA**

Monografia apresentada a faculdade de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título em licenciatura em Artes Cênicas.

Orientação: Ângela Barcellos Café

Brasília

2022

Ficha Catalográfica

Aysha Luíza Silva de Sousa

Denúncia de uma Criatura: MULHERIDADE NA EDUCAÇÃO
BÁSICA COLONIAL BRASILEIRA LATINA SUL-AMERICANA.

Orientadora: Ângela Barcellos Café: UnB, IDA, 2022.

27 p.

Monografia de graduação. Faculdade de Artes Cênicas licenciatura,
Universidade de Brasília, Brasília, 2022

Palavras chave: Mulheridade , Educação, Corpos Dissidentes

É concedida à Universidade de Brasília permissão para reproduzir cópias desta monografia e emprestar ou vender tais cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. A autora reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação de especialização pode ser reproduzida sem a autorização por escrito da autora.

As múltiplas educações são reflexos de uma sociedade seja ela caótica ou livre. No Brasil atual a educação mostra um reflexo de uma educação colonial do europeu da época da escravidão. Partindo, do meu corpo dissidente hoje temos duas opções aos indivíduos com educação de masculinidades agressiva e violenta: matamos ou educamos.

Aysha Lion.

DEDICATORIA

Dedico esse trabalho principalmente a minha família. Minha mãe Maria Das Dores Silva de Sousa, meu pai Francisco Luiz Rodrigues de Sousa, minha irmã Kamily Vitoria Silva de Sousa, meu irmão Wanderson Silva de Sousa, meu namorado Marcos Rocha de Paula. E as todas as mulheres que me ajudaram na minha caminhada de sobrevivência e as Deusas que me protegem constantemente desse mundo estranho e cruel.

Sumário

1 - INTRODUÇÃO	7
2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA / METODOLÓGICA / DIDÁTICA.....	14
3. SUBJETIVIDADE / ARTE DISSIDENTE POLÍTICA / EDUCAÇÃO	17
4.CORPO DISSIDENTE QUE SE APROPRIA DE STANYSLAVYSKY E DENÚNCIA O SISTEMA EDUCACIONAL COLONIAL EUROCÊNTRICO.	29
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
7.. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37
8 – ANEXOS	39
ANEXO 1	39
ANEXO 2	40
9. APÊNDICE	41

1 - INTRODUÇÃO

Atualmente, me encontro presente no exato dia 01/12/2022 do século XXI. Me designar hoje nesse período é dizer muito o que sou dentro do Brasil colonial moderno. Como uma profissional das Artes Cênicas já me conceituaram de várias maneiras, mulher, *cryatura*¹, monstro entre outras. Segundo o meio social e científico, uma mulher transexual, uma travesti, uma puta, uma prostituta, o desejo e fetiche da virilidade, ou melhor, a mulher do futuro. A mulher do futuro que não menstrua e que se torna o grande orifício prazeroso da virilidade brasileira e global. Acredito que já ficou claro o lugar e espaço que falo dentro da sociedade brasileira. Sou o corpo das esquinas, das mazelas, dos depósitos de HIV, dos sonhos eróticos de Calígula, o corpo de vergonha e hipocrisia. Sou Aysha Lion a professora, mulher transexual e travesti de uma cidade do entorno e *rurbana*² de Brasília. Cidade essa que me protegeu das múltiplas violências sociais e mazelas que meu corpo está exposto. Infelizmente grandes metrópoles são espaços sociais de extrema violência ao meu corpo. Os diversos marcadores discriminatórios se potencializam nas grandes metrópoles devido aos choques culturais que são fortificados pelo capitalismo.

O corpo sem perspectiva que se autoconstruiu em coragem e força, que morreu e que sobreviveu pela coragem de existir e viver. Aysha, nome de origem árabe que significa viva ou a que está viva. Prazer a *Cryatura*, a *Cryatura* que dentro das minhas relações artísticas e filosóficas é a hibridização da mulheridade e do felino. *Cryatura* essa que se rasga e se desdenta de toda a conjuntura de mulher padrão europeia latina americana brasileira. Sou a figura senhora de si e jamais de uma masculinidade violenta e agressiva. Sou a CRYATURA do século XXII, sem nome e existência, mas, que respira e constrói liberdade em sua savana. Minha carne jamais consumida e degustada, possuo nome e existência.

Cryatura que se concretiza da poética filosófica de um trabalho cênico cinematográfico no qual se originou um curta-metragem. É interessante ressaltar que a dramaturgia se originou por meio de um sonho, sonho em que meus pedaços se encontravam em uma mesa de inox, e eu me questionava em que prato, garfo, faca e paladar eu iria parar? Pois me destruíram e

¹ *Cryatura*: Hibridização da mulheridade com um felino, se chama *cryatura* pois não se sabe exatamente o que é esse SER no século XXII.

² *Rurbana*: [Neologismo] Diz-se da área de transição entre a cidade e o campo; suburbano. Etimologia (origem da palavra *rurbano*). Rur(al) + urbano. Pesquisado em [Rurbano - Dicio, Dicionário Online de Português](#), 07/02/2023.

consumiram tanto a ponto de não saber mais o que era, uma crítica irônica e subentendida a própria sociedade que me consome com sua colonialidade violenta. E o nome Cryatura nasce principalmente da rejeição de não pertencer mais a essa sociedade colonial, que consome meus pedaços. Cryatura, pois não se sabe que indivíduo é esse que se originou... As únicas informações são que se trata da hibridização de uma mulheridades pois é uma Cryatura que sente suas feridas e de um felino visto que busca se defender e colocar suas presas e garras de diamante para fora como defesa as múltiplas violências. Como se trata de um ser recém-criado que rejeita totalmente a estrutural sistêmica social o nome se configura como a CRYATURA DO SÉCULO XXII, com grafia própria e específica.

Nessa pesquisa a palavra *Mulheridade* ganhou significado para mim, por meio de uma coletividade de reflexões e críticas. Se trata de uma contraposição de luta com a Masculinidade muitas vezes violenta e agressiva. Masculinidade essa que já possui relação profunda em nossas construções de conhecimento intelectual não obstante em relação aos corpos que performam mulheridade, não se observa nomenclatura que traga aprofundamento nessa respectiva contraposição em significado e nomenclatura a Masculinidade. Conceituar mulheridade nesse material com base na minha investigação é trazer questões de um termo que infelizmente não é aprofundado ou que se encontra ainda em ascensão até devido as relações estruturais de uma sociedade pertencente a masculinidade (patriarcado). À vista disso mulheridade se configura como as forças e construções de subjetividade que se contrapõe a Masculinidade. Entretanto não busco por meio desse conceito trazer um modo de mulheridade tal como feminina, delicada, maternal ou amorosa, pois muitas vezes a figura mulher que engloba o termo mulheridade é vista apenas como corpos cuidadores, que sentem e que são produtoras de bondade. Entretanto, é válido questionar esse ponto pois é uma questão de controle violento, da performance da masculinidade sobre a mulheridade, masculinidade que se abstém do ato cuidar e sentir, papel ficando totalmente exclusivo das mulheridades. Faço essa reflexão pois mulheridade pode sim se tratar da ação e dos verbos sentir e cuidar até devido nossos instintos de mamíferos e de animais.

Não obstante é preciso dar limite a essa construção estrutural em alguns casos como questão de sobrevivência à performance mulheridade no meio social, precisamos urgentemente sair do ato EXCLUSIVO de cuidar e sentir o "outro", pois no final teremos o cansaço de sustentar esse modo estrutural que é indubitavelmente violento e esgotante. Partindo dessas questões, mulheridade se configura sim a partir do ato de sentir e cuidar, entretanto, não é somente essas vertentes sem limites, pois precisamos seriamente dividir essa

responsabilidade com a masculinidade perversa e violenta que não se compromete a sentir ou cuidar. Não podemos mais permitir ter seres de uma mesma espécie com variantes em suas subjetividades de personificação e instintos, nesse nível. Se o significado da palavra humanizar perpassa o conceder ou possuir humano, e a humanização perpassa o cuidado e a bondade como cita o artigo Cuidar e Humanizar: relações e significados de Vera Regina Waldow e Rosália Borges (2011) uma doutora em educação e outra mestre em saúde coletiva, precisamos seriamente pensar a contraposição de masculinidade e mulheridade. Pois a performance de mulheridade com base acima se reflete mais precisamente na humanização, no sentir, no cuidado e conseqüentemente no indivíduo SER HUMANO, se o indivíduo SER HUMANO perpassa o cuidado, a bondade e o sentir precisamos seriamente repensar a masculinidade que se abstém dessa humanização e de existir SER HUMANO. Portanto, talvez tenhamos uma variação em existir e se fazer ser humano entre a masculinidade e mulheridade. Finalizando trago essa reflexão de que mulheridade se trata de um termo que busca também o equilíbrio de papéis socialmente, os corpos que performam mulheridade possuem sim, uma tendência de desenvolver uma educação em sociedade mais humanizada. Entretanto, como podemos dividir esses papéis socialmente, principalmente com a masculinidade, que tem tido a tendência de se desumanizar e tem deixado de SER HUMANO? Partindo desses e de outros conceitos, a educação na escola é um caminho que a pesquisa oferece, para minimizar esse problema estrutural e social contemporâneo.

Partindo das minhas próprias sobrevivências, sempre tive pujante dificuldade de me enxergar enquanto ser humano social. Sempre colocada em um lugar não humanizado socialmente, e principalmente na educação da escola. Educação essa totalmente arcaica e inspirada nas grandes prisões brasileiras, talvez um Carandiru. E como professora, hoje quase formada, tenho o dever de denunciar e descrever a educação colonial, europeia e padronizada que ainda se concretiza atualmente. Como uma mulher transexual e professora de Artes Cênicas, eu falo de alguns ambientes extremamente camuflados socialmente. Tenho dizeres desde o professor que performa masculinidade e que deseja meu corpo em suas fantasias sexuais até lunys³ de 4 anos que deseja casar comigo pois sou simplesmente a professora linda.

³ Luny(s): Como a palavra ALUNO(s) reflete muito o gênero masculino e falta de luz, vamos utilizar LUNY(S) como modo de desconstruir o patriarcado que se expressa até nas palavras. Não se trata de comprar um confronto com a própria língua português até porque sei que as construções lexicais são muitas vezes apoiadas em gênero e precisamente no masculino que acaba por apoiar o patriarcado, entretanto como a palavra durante a pesquisa se repeti em diversas vezes se tornou um incômodo, e devido a isso é feita essa apropriação lexical.

A também o lunny de 17 anos que diferente de outras masculinidades passadas, conseguem me enxergar enquanto ser humano e principalmente uma mulher. Mulher digna de respeito e de ser amada como qualquer corpo que performa mulheridade.

Convém lembrar que nas reflexões acima ouve a apropriação e criação de uma palavra pois os estudos possuem essa necessidade principalmente por se tratar de um estudo decolonial. A observação que faço é que esse Trabalho embora se utilize da norma culta reconhece que trata principalmente de uma língua apoiada principalmente no gênero masculino que conseqüentemente apoia o patriarcado eurocêntrico. Por isso sinto a necessidade de grafias diferentes, para chamar atenção das estruturas incoerentes que continuam perpetuando preconceitos, discriminações e exclusões. Ressalto que a palavra que fazemos nossas reflexões se trata da palavra aluno(s) que se transforma em Luny(s). Palavra essa que apoiada sobre a letra A significa SEM LUZ, dado que a letra A traz a ideia intelectual de negação conforme suas origens. Com a criação dessa referida palavra excluimos totalmente a letra A do começo da palavra ALUNO e no final retiramos a letra “O”, que mais uma vez, coloca e apoia essa palavra como um substantivo masculino, e a substituímos pelo Y, já que o Y é a vigésima quinta letra incorporada ao alfabeto português e tem sido utilizada com o significado de um sujeito desconhecido; pessoa que não se quer determinar. Relação que contempla perfeitamente essa pesquisa pois quando nos referimos a lunys não queremos apoiar um patriarcado lexical e totalmente opressor em significância pois nossos lunys POSSUI SIM, MUITA LUZ e principalmente são indivíduos livres de qualquer nomenclatura machista, eurocêntrica, branca e colonial por isso a relação da letra Y representa o desconhecido ou indivíduo que não quer se definir. A letra Y possui significação em outras apropriações como Stanislavsky=Stanyslavysky, Denúncia=Denúncia, Criatura=Criatura e por fim Aluno(s)=Lunys.

O fato de promover essas recriações e apropriações é a própria necessidade da decolonialidade em razão de tudo que desenvolvemos e somos é extremamente baseado na colonialidade e nas relações do homem, patriarcado e principalmente masculinidade. Infelizmente são pequenas apropriações que a pesquisa se coloca a se responsabilizar, fato que promove essa reflexão a respeito de nossa língua enquanto suas construções coloniais extremamente impregnadas no sistema social brasileiro latino-sul-americano. Desafortunadamente encontramos resquícios coloniais, onde menos imaginamos pois no fundo somos resultados dela perpassados por milhares de gerações ancestrais. Não busco me apropriar totalmente da língua portuguesa colonial pois é quase impossível, busco

pujantemente promover pequenas reflexões sobre, para que possamos conseguir se reeducar por meio da reflexão e crítica sentindo o outro com um olhar mais empático, pois nem todo mundo nesse nicho social é HOMEM, BRANCO, EUROPEU, RICO E POSSUI OLHO AZUL. Nosso Brasil jamais será esse mínimo padrão, somos diversos e principalmente misturas, resultados de uma colonialidade do estupro, sexismo, misoginia, machismo, patriarcado e por fim masculinidade.

Nas minhas inquietações e Denúncias perante essa pesquisa, busco principalmente respostas e meios de como as artes cênicas podem ser um espaço humanizado e democrático em educação, na educação brasileira colonizada. Não somente na relação de educação escolar, mas nas diferentes educações que existem socialmente. Pois educação é uma responsabilidade social e não somente depósitos de conteúdo ou linha de produção em série (Netto,2013). Educações que se ramificam na construção e desconstrução de indivíduos sociais. Essa pesquisa busca reflexões e questionamentos de como as práticas proposta por Stanyslavysky⁴ (2016) se refletem nos corpos que se performam mulheridade e masculinidade. Práticas que partem de um corpo transexual, travesti, negro e da linha de pobreza do Brasil, e que busca ressignificar e transformar essas narrativas brancas, cisgêneros e heterocêntricas, dando lugar a narrativas dissidentes, pois não são narrativas para esses corpos dissidentes, e sim corpos do padrão eurocêntrico. É importante ressaltar que além de Stanyslavysky (2016), o estudo perpassa também o conceito de subjetividade pois, nos estudos das artes cênicas tudo perpassa o mental e vivências humanas psicológicas. Vivências que são construídas culturalmente em suas aculturações⁵.

Às práticas de Stanyslavysky (2016) podem refletir os efeitos dessas educações coloniais nesses indivíduos sociais. Efeitos sociais que precisam se conjecturar para serem solucionados, seja na construção de masculinidades ou mulheridades coloniais, ou principalmente nas próprias educações que exercemos pois, o que se reflete ainda são educações coloniais. São construções que o ambiente não deve contribuir, pois a escola não pode ser mais um sistema colonial e opressor, como o vivenciado pelo meu próprio corpo na minha construção

⁴ Stanyslavysky: O nome de origem russa tem sua escrita original como Stanislavski, entretanto como se trata de uma apropriação intelectual o nome do autor também sofre a apropriação, e tem uma escrita mais portuguesa.
⁵ Aculturação: Processo de alteração cultural de uma pessoa, grupo ou sociedade que busca se adaptar a outra cultura ou retira dela aspectos importantes: aculturação de comunidades indígenas. [. [Por Extensão] A junção de culturas que é consequência desse processo. Sociologia. Processo através do qual alguém passa a possuir a cultura da sociedade em que está inserido. Condição que resulta desses processos. Ação ou efeito de aculturar, de se adaptar a outra cultura; aculturamento. Etimologia (origem da palavra aculturação). Aculturar + cão. Pesquisado em [Aculturação - Dicio, Dicionário Online de Português](#), 08/02/2023.

educacional. Outras questões que essa pesquisa busca abordar ou deixar levantada: o que entendemos por educação? Palavra tão complexa e inabitável do seu real sentido. De qual educação estamos falando? Quais os efeitos da educação, que temos hoje em nossas escolas? Que indivíduos sociais a escola se compromete a formar? Que formação temos e que formação queremos ajudar a construir?

Como citado anteriormente, minha investigação trata dos indivíduos sociais na área da educação escolar que se ramifica ao social, em específico aos estudantes do ensino médio, pois foi onde coloquei o trabalho das práticas de Stanyslavsky (2016) em ação, dentro da escola. A escolha desse universo se dá a partir da minha relação educacional com a unidade escolar na qual concluí o ensino médio, escola essa que foi pujantemente opressora e colonial ao meu corpo transexual/travesti no período no qual estudei.

A metodologia baseada na ação das técnicas de criação de Stanyslavsky (2016), me ofereceu possibilidade para entendimento e às vezes superação das questões colocadas. Tais práticas desenvolveram em mim, concentração, consciência e expressão corpórea, concentração da atenção, tônus, coletividade, expressão vocal, reflexões, crítica e principalmente o dever de sentir. Por isso a escolha de experimentar, com as devidas adaptações, essas práticas, com estudantes do Ensino Médio, na oportunidade de atuar no campo de Estágio Supervisionado. Além dessa metodologia de extrema ação prática, foi desenvolvido também a escrita expressiva que tem referências no diário de bordo. Este foi um instrumento bastante utilizado durante a minha formação no ensino superior. Todo esse material foi coletado, e se tratava precisamente de uma folha em branco onde o estudante buscava se expressar livremente, utilizando desenhos, escritas, poesias, literaturas, rascunhos, pinturas. Uma escrita totalmente performática.

É importante dizer que toda essa experiência foi desenvolvida com estudantes dos primeiros e terceiros anos do ensino médio. A partir dessas experiências, vamos trilhar e dissolver o que essas práticas podem nos revelar do ambiente escolar atualmente. Quais problemas são perceptíveis e como, por meio do ensino de arte, podemos começar a pensar soluções para uma escola decolonial e não opressora.

Os resultados desse material pesquisado e analisado, foram dilacerados em milhares de experiências, mas a principal, foi observar meu corpo como um incômodo dentro daquele meio. Importante ressaltar que não eram os estudantes, mas sim o corpo docente, professores que enxergavam meu corpo com um espectro de sexualização e machismo. Alguns apoiavam

essa educação colonial e deixavam extremamente claro que meu lugar enquanto professora de artes não era aquele. Profissionais da limpeza faziam perguntas extremamente inconvenientes sobre minha genitália, pois meu corpo é extremamente exótico e precisa estar no padrão cisgênero eurocêntrico. Senti a colonialidade nos olhos desses indivíduos, foi configurar que não existem professores neutros de subjetividade em sala. São professores que carregam seus conceitos e que os colocam em movimento no seu modo de ensinar, expressando assim um conhecimento não democrático e inclusivo, principalmente a corpos transexuais como o meu. Infelizmente, a opressão do ambiente escolar presente se encontra nesses próprios indivíduos do sistema. Talvez um problema de suas formações ou um problema estrutural social de uma sociedade conservadora colonial.

Gratidão e obrigada aos meus lunys, que se desenvolveram e me permitiram observar e entender que nossa sociedade possui recuperação, recuperação em todas as suas esferas sociais. Observar e entender meus estudantes foi reconstruir e reparar uma nova sociedade que não está totalmente destruída, mas que precisa de cuidados em suas novas gerações, pois elas estão dispostas e comprometidas com isso. Não se trata de fantasiar ou ser otimista em uma sociedade tão doente e opressora, mas acreditar naqueles lunys que me enxergaram além de tudo, enquanto gente, e não somente professora. Alguns lunys expressaram uma masculinidade violenta, mas aprenderam a me ver além de uma genitália ou fetichização. Masculinidade essa que vem de berço social, individual e coletivo.

A minha mulheridade como professora, foi sem sombra de dúvidas plantar uma semente de reparação na educação desses lunys. Que pode transformar as suas vidas e de outras pessoas socialmente. Quero que saibam que esse material de pesquisa nunca foi uma apenas uma pesquisa de iniciante, foi sobrevivência. Enquanto mulher transexual que quase foi morta por querer ocupar esse espaço de docência, chegando a escutar de uma professora na alfabetização que eu não iria me desenvolver intelectualmente e que tinha problemas mentais.

Não se trata de vitimíssimo, mas de entender que minha expectativa de vida é de 35 anos, que 0,3% de pessoas trans estão na universidade e 90% se encontram na prostituição. Como ponto importante, eu quase fui uma integrante desses 90%, pois não foi fácil passar no sétimo vestibular e depois ter que proteger minha vida nesse ambiente acadêmico que é igualmente opressor, com professores assediadores e machistas. Eu como professora de corpo “estranho dissidente” transformei uma gota de uma nova geração, nova geração essa de lunys

que podem mudar a vida deles e de seus filhos, dado que uma professora transexual em sala de aula é um ato revolucionário. Foram só 200 lunys, mas esses podem mudar e salvar muitas vidas. Eu, Aysha Luíza Silva de Sousa, mulher transexual de 23, anos agradeço e faço os meus desenlaces que como professora de Artes Cênicas que busca constantemente se humanizar e particularmente se educar de maneira decolonial, pois a mesma sociedade que critico, observo e pesquiso sou resultado dela mesma, acredito na educação por causa de vocês estudantes. Acredito que os restauros podem e devem ser feitos por vocês, lunys. Dedico esse trabalho a vocês, peço desculpas como professora a todas as unidades e profissionais da educação que não promoveram e não promovem uma educação democrática, digna e inclusiva, e que realmente possa mostrar o Brasil e a educação que somos de maneira real e existente, como um país da mulheridade, negro, travesti, indígena, capacitista, pobre e principalmente humanizado em suas capacidades de sentir e refletir afetos.

2 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA / METODOLÓGICA / DIDÁTICA

É válido dizer que a pesquisa se inicia pelas minhas inquietações como professora de Artes Cênicas. Inquietações que se configuraram desde o processo de elaboração do plano de aula e suas metodologias, até nossas análises e reflexões a respeito das práticas de Stanyslavysky (2016). Dentro do ensino das artes cênicas da respectiva unidade escolar. Esse plano de aula proposto se concretiza como um espaço crítico e de busca para a construções decoloniais de saberes na comunidade escolar. É importante dizer que todo esse plano tem base na minha experiência enquanto universitária na Universidade de Brasília e enquanto profissional da área do ensino das artes cênicas. A escola na qual foi realizada essa pesquisa e estudo, é o Centro de Ensino Médio 01 de Brazlândia. Uma escola de nível médio com lunys de 14 a 19 anos, que se localiza na regional de ensino de Brazlândia. Trabalho que foi supervisionado pelo professor de artes visuais Gustavo Oliveira Fonseca, e pelas orientadoras Fabiana Lazzari e Ângela Barcellos Café do departamento de artes cênicas da universidade de Brasília.

Outra relação que também tem extrema importância, é que essa pesquisa busca configurar em nomenclaturas que tipo de profissional e educadora eu busco, pois estou em construção, construção essa como profissional da educação que se amplia para muitas raízes.

A aula é também um lugar de degustar e aprovar esse trabalho em oralidade e principalmente ação. Talvez você só seja a professora, mas talvez você seja uma mãe-amiga-professora que vai mudar a vida de um indivíduo em todas suas esferas sociais. Mas não se trata somente do indivíduo profissional. Não obstante o desejo de ensinar e aprender com o mais puro respeito e delicadeza. Não se trata somente de uma escola isolada, é uma comunidade em regência, é um professor em construção dentro de sua própria subjetividade.

Em suma o plano aponta diversos caminhos. O caminho do ensinar humanizado e inclusivo, do profissional, da prática, das mazelas sociais que nós atravessamos, da comunidade e principalmente da educação. Caminhos esses que são de grande responsabilidade social, não basta dar aula, é ter nas mãos a construção de alguém. É preciso se responsabilizar um pouco pelo mundo, e esse plano se propõe a questionar e principalmente colocar em prática o ensino de arte enquanto um meio social saudável para os estudantes.

É válido dizer que toda a fundamentação teórica do processo proposto tem base em práticas, a partir dos estudos do dramaturgo Constantin Stanislavsky (2016), dramaturgo esse que teve grande influência no meu processo de aprendizagem dentro da universidade. Constantin Stanislavsky foi um diretor, ator, dramaturgo e crítico teatral russo nascido em Moscou, lembrado sobretudo pelo método de interpretação Stanislavskiano, usado nas escolas de teatro de todo o mundo. Filho de um industrial e neto de uma atriz francesa, desde cedo foi atraído pelas artes interpretativas e frequentou circo, ópera e balé. Ator desde os 14 anos participou da criação da Sociedade de Arte e Literatura, onde se destacou como ator e diretor. Dez anos depois fundou, com o autor e diretor Vladimir Nemirovitch-Danchenko, o Teatro de Arte de Moscou, instituição fundamental para o desenvolvimento da moderna dramaturgia europeia. Assumiu a direção do Estúdio de Ópera do Bolshoi e criou seu estilo de encenação que ele chamou MEMÓRIA AFETIVA. Entre suas obras principais estão A PREPARAÇÃO DO ATOR, A CRIAÇÃO DE UM PAPEL, E A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM.

Importante ressaltar influências que fluem a partir de um corpo que performa mulheridade, devido ao seu trabalho que se desenvolve por meio do mental psicológico para a construção artística. Outra questão importante de se dizer é que os estudos de Stanislavsky (2016), trabalham através da exaustão dos sentidos e principalmente da neutralidade do indivíduo social. Trabalho esse que se utiliza necessariamente do corpo para que se desenvolva o trabalho cênico. As práticas de Stanislavsky (2016) funcionam como estímulo

ao processor criador, que se dá por meio da imaginação, concentração e atenção, descontração de músculos, sentimentos de verdade, memória das emoções, forças motivas interiores e assim por diante. Estímulos que se deram por meio exercícios como correr, andar, parar, pausar, fazer, respirar, entender, jogar, falar, ouvir, degustar e principalmente sentir, pois é extremamente importante o trabalho do ator focado no intelectual, espiritual, físico, emocional e interior para que se consiga desenvolver e tornar acessível a verdade dos atores, personagens que vivem seus interiores e que deixam de ser fajutas imitações.

Quando citamos exercícios por meio da base teórica de Stanislavsky (2016), se trata também de um espaço do luno se experimentar e se entender diante desse espaço e do seu corpo. Processo esse que tem como fundamentação Teórica também na psicologia da subjetividade de Fernando González Rey (2003). Não estamos falando apenas de um material humano para se construir arte, estamos falando também de vidas humanas repletas de traumas ou alegrias. Traumas e alegrias que podem ser acionadas por meio das técnicas Stanislavsky (2016) como potência cênica. Um espaço de criar sentimentos no personagem a partir dessa bagagem de subjetividade. Pois o trabalho precisa ser vivo não é somente uma imitação.

É importante dizer que a construção da abordagem Metodológica se deu em parceria com o professor orientador, professor esse que me clarificou sobre as dificuldades e facilidades dos lunos que são dos primeiros e terceiros anos do ensino médio, ou seja, os extremos. Como já foi discutido anteriormente a abordagem metodológica se configura por pequenas explicações e apresentações em sala, para que os lunos não se sentissem perdidos, e partindo daí para o trabalho prático, onde foram feitos exercícios de exatidão e consciência corporal, com foco aos estímulos e objetivos propostos por Stanislavsky (2016). O trabalho foi desenvolvido no teatro da escola com 3 turmas por dia, durante 6 meses. Com aulas duplas de duração de 50 minutos cada aula.

Ao término das aulas, é importante dizer que eram construídas as escritas expressivas semelhante aos diários de bordo de profissionais cênicos, no qual eles colocavam suas experiências em cada aula. O que sentiram? Qual a sensação? O que incomodou? Ou simplesmente o que despertou em seus corpos? É válido dizer que essa escrita era totalmente livre em expressividade. Os lunos ficaram livres para se expressarem como desejassem, através da pintura, sons ou até mesmo matérias não convencionais (terra, líquido, fotografias, alimentos). E os registros eram feitos em folhas por parte dos lunos, e por mim por meio de

registros fotográficos mediante o uso de aparelhos moveis e diário de bordo, como banco de registro e observações privativas de cada aula.

Por meio de toda a abordagem metodológica também se concretizou a avaliação. Tivemos primeiramente a avaliação processual continua que se deu por meio da participação e interesse dos lunys. É importante dizer que a especificidade de cada lunny foi observada nessa avaliação. O lunny tímido, o lunny com problemas familiares, lunny com dificuldade de expressividade, lunny extrovertido entre outras atribuições. A segunda avaliação foi a somatória contínua da escrita expressiva, e a nota final se deu com a junção das escritas expressivas e a participação dos estudantes em cada aula. O principal resultado observado nessa pesquisa foi o estado caótico dessa educação tradicionalista colonial, autoritária, opressora, eurocêntrica e especialmente o adoecimento mental dessas gerações que advém de uma pandemia, e que não desenvolveram sociabilização. Fator extremamente preocupante, pois, como professora de artes cênicas meu principal papel é desenvolver as relações de crítica, de reflexão e singularmente e coletivamente o ato de sentir, pois estamos em uma sociedade cada vez mais desumanizada que se extermina em súbita calma.

3. SUBJETIVIDADE / ARTE DISSIDENTE POLÍTICA / EDUCAÇÃO

Como ponto de partida é importante entender o conceito de subjetividade e como esta pode ser aplicada no ensino das artes cênicas. A partir do momento que citamos o ensino das artes é extremamente importante entender que lidamos com o psicológico mental humano, sua corporeidade e vivências. Dentro das relações sociais individuais e coletivas humanas, sempre estamos em simultâneas e complexas trocas sociais e culturais, revelando assim nossas construções individuais, sociais, éticas, morais e históricas. Sendo assim, é necessário entender o conceito de subjetividade no ensino das artes cênicas, e principalmente na educação de estudantes periféricos, que é o nosso foco. Entretanto, o estado constantemente oprime esses lunys que muitas vezes são destruídos e vítimas das mazelas sociais. A educação engloba a construção desses indivíduos sociais que deve ser democrática e principalmente inclusiva. Se tratando do papel do ensino das artes precisa formar indivíduos críticos e reflexivos. Abaixo a citação de Fernando Rey (2003) sobre o conceito de subjetividade social.

Ao introduzir a categoria de subjetividade social tinha a intenção de romper com a ideia arraigada nos psicólogos, de que a subjetividade é um fenômeno individual, e apresentá-la como um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual, independentemente de que em ambos os momentos de sua produção reconheçamos sua gênese histórico-social, isto é, não associada somente as experiências atuais de um sujeito ou instância social, mas a forma em que uma experiência atual adquire sentido e significação dentro da constituição subjetiva da história do agente de significação, que pode ser tanto social como individual (RAY, 2003, p. 202).

É necessário entender que a escola é um ambiente cujas diferentes subjetividades recém construídas e desconstruídas se modulam constantemente, e algumas já destruídas, pois não estão dispostas a aprender e somente ensinar em suas relações coletivas. Uma das minhas grandes reflexões, é que os seres sociais são construídos ao longo do tempo, seja na educação ou nas suas subjetividades. No fundo ninguém nasce esse ser humano que nos concretiza, no fundo só nascemos animais propensos a racionalização, e ao longo dos processos sociais e culturais, nos configuramos socialmente homens, mulheres, não binários, heterossexuais, homossexuais e toda essas nomenclaturas contemporâneas. No final o mundo vai aos poucos nos humanizando e nos moldando assim como cita o artigo "Pensando a educação no mundo e na escola" de Ângela Barcellos Café.

O mundo vai, aos poucos, humanizando-se no contato com os seres e essa construção, mais tarde denominada cultura, envolve um agir humano mais pleno, livre e consciente. Cultura é, pois, o mundo modificado pela pessoa, que se descobre agente transformador da realidade. Cultura é humanização. E educação é um processo simultâneo de transformar o mundo (LATERZA, RIOS, 1971). Ambas são realidades /processos que não podem ser consideradas como coisa ou fato a ser descrito ou medido (CAFÉ, 2015, p. 3).

Entender o conceito de cultura nessas questões colocadas acima é de pujante importância, pois, cultura são nossas trocas, nossos registros, nossos fazeres coletivos, nossos nichos sociais e suas amplitudes, nossos desenvolvimentos, nossos modos de pensar-aprender-ensinar e singularmente dizer, são nossos afetos e humanizações. Entender cultura e conceituar é dizer em que momento e nível social estamos como foco político. E o mais importante mostrar e refletir sobre nossos erros e caos na nossa conjuntura social. Estamos refletindo cultura pois precisamos pensar sobre uma educação decolonial e humanizada. Uma educação que não reflita uma sociedade cujo 11% dos brasileiros se encontram em evasão escolar como afirmou a UNICEF em 2022. Uma educação cujo 82% de luns transexuais abandonam o ensino médio entre 14 e 18 anos, 71,7% de luns negros abandonam a escola,

5% de lunys com deficiência que conseguem chegar ao ensino médio e que 59% não nunca ou raramente receberam o Atendimento Especializado Educacional, um direito garantido em constituição que fica simplesmente na estampa. É interessante ressaltar que se trata de recortes identitários, e quando trazemos um corpo com múltiplos recortes identitários um estudante pobre, negro, LGBTQIAP+⁶, mulher, capacitista ou indígena, se o Brasil e a sociedade vão conseguir enxergar ele não se sabe. Trago a minha experiencia como mulher transexual, negra, travesti e pobre, sou uma Cryatura pois tive que mostrar meus dentes, morder e extirpar uma educação que é minha e legitima ao meu corpo político e que está expresso em lei, reflexão: o Brasil também é desses corpos dissidentes! Talvez agora tenha ficado claro qual a importância da cultura em uma nação e sociedade. Nunca estivemos refletindo só sobre educação no ambiente escolar, mas sim a sociedade coletiva e seus mecanismos de vivências e construções saudáveis ou adoecidas. Em suma com foco na educação e cultura, temos a cultura do fracasso escolar e consequentemente o fracasso da sociedade brasileira.

Sociedade essa que vai arcar com todas as dívidas de nossas novas futuras gerações. Estamos falando de uma sociedade com pujantes taxas de suicídio em massa, falta de alimento e nutrientes para a sociedade global, falta de água doce em massa, o aquecimento global com seus degelos, o aumento do nível dos oceanos, a desertificação, a alteração do regime das chuvas, múltiplos casos de câncer devido a ingestão de agrotóxicos, pandemias mais recorrentes e frequentes, inundações de cidades grandes litorâneas, redução da biodiversidade, falta de ambiente social com super populações como já ocorre no continente asiático. Qual a nossa sociedade do século XXII? Será que vamos conseguir se educar e chegar até lá? Portanto vamos nos responsabilizar de forma consciente socialmente em nossas educações sociais e

⁶ LGBTQIAP+: Lésbica, Gay, Bissexual, Transexuais, Transgêneros, Travestis, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexualidade, + demais orientações sexuais e identidades de gênero. Pesquisado em [LGBTQIAP+: Você sabe o que essa sigla significa? \(trt4.jus.br\)](https://trt4.jus.br), 08/02/2023.

singulares. Não se trata de idealizar uma sociedade sublime, mas uma sociedade menos individualista⁷, relativista⁸ e instrumentalista⁹ educacionalmente e por fim culturalmente.

Em continuação as observações em sala, é de grande relevância entender a construção desses indivíduos. Não deveria existir padrões de jovens, adolescentes ou crianças, o que mais entendi nas minhas observações foi a respeitar cada sala com suas individualidades e dificuldades pedagógicas. Não existe um modo correto de ensinar, o que realmente existe são modos variados. Observar todos esses lunys dos primeiros e terceiros anos do ensino médio, foi me prover de reflexões e peculiaridades no meu processo de como ensinar enquanto profissional da educação, e não me petrificar em um único modo de ensino. Cada turma possui uma maneira subjetiva de ser, que pode não funcionar em outra turma, com os mesmos lunys e peculiaridades. Se trata de corpos que estão em diferentes processos culturais ao mesmo tempo em um mesmo coletivo. Fica a reflexão: nem indivíduos gêmeos univitelinos modulados pelo mesmo mundo subjetivo, conseguem desenvolver subjetividades e modos de aprendizagem idênticos e até similares.

Entender esses processos de observação, também foi entender minhas responsabilidades enquanto professora de Artes Cênicas transexual, pois se trata de um corpo sobrevivente de uma sociedade que me dilacera enquanto indivíduo social. Entrar nessa unidade me fez refletir o que realmente é arte dentro da minha subjetividade enquanto profissional da educação. E o mais importante, o que desejo deixar de ensinamento artístico para esses lunys por meio da minha subjetividade sobrevivente e conhecimento acadêmico. A partir desse corpo tive a honra de chegar a uma conclusão, infelizmente ou felizmente arte pode ser configurada de diferentes formas, algumas estéticas, umas clássicas, outras burguesas e outras políticas. Entretanto todas devem possuir o espectro da crítica, da reflexão e o mais importante

⁷ Individualista: Adepto do individualismo. [Pejorativo] Pessoa egoísta que sempre se coloca em primeiro lugar em relação aos demais; quem só pensa em si mesmo; egoísta. adjetivo Que pertence ao individualismo: teorias individualistas. Que professa a teoria do individualismo, à sobreposição do valor, dos direitos individuais em detrimento de um grupo ou sociedade. Etimologia (origem da palavra individualista). Individual + esta. Pesquisado em [Individualista - Dicio, Dicionário Online de Português](#), 08/02/2023.

⁸ Relativismo: O relativismo cultural é um conceito e perspectiva antropológica que se opõe à categorização de culturas como “superior” ou “inferior”. Nesse sentido, ele define que cada grupo social possui uma cultura específica que só pode ser analisada a partir de seus próprios códigos. Pesquisado em [Relativismo Cultural - Antropologia Enem | Educa Mais Brasil](#), 08/02/2023.

⁹ Instrumentalismo: substantivo masculino [Filosofia] Doutrina que considera a inteligência e as teorias como instrumentos destinados à ação. Pesquisado em [Instrumentalismo - Dicio, Dicionário Online de Português](#), 08/02/2023.

desenvolver o verbo *sentir*, sem a ação de *sentir* não existe arte, somos animais pois *sentimos* e somos cultura pois *sentimos* e o desenvolvemos junto ao raciocínio.

Em continuação ao assunto anterior, me entender dentro dessas configurações, foi me entender enquanto arte política e corpo político. Ou seja, compreendi finalmente que independente do que seja arte, ela precisa ser reflexiva, crítica e sentida partindo do meu corpo e das minhas teorias. Me movendo diante dessas relações, acabei por configurar que o meu principal objetivo enquanto professora de Artes Cênicas em sala, é fazer com que esses alunos tenham senso crítico, reflexivo e que saibam sentir, pois se trata de um mundo extremamente pujante de injustiças e anomalias sociais que irão se fazer presente, e que os estudantes deverão questionar para que tenham escolhas éticas e saudáveis ao social, pois a sociedade será construída por eles, seja ela justa ou injusta. Faço a reflexão que como professora preciso ter o dever de contribuir desta forma com meu meio social, dado que, ser professora é ter a responsabilidade de construir individualidades e coletividades subjetivas. Se firmando aos estudos de Angela Davis (1981) trago a seguinte citação de seu livro, *Mulheres, cultura e política*.

Como Marx e Engels observaram há muito tempo, a arte é uma forma de consciência social – uma forma peculiar de consciência social, que tem o potencial de despertar nas pessoas tocadas por ela um impulso para transformar criativamente as condições opressivas que as cercam. A arte pode funcionar como sensibilizadora e catalisadora, impelindo as pessoas a se envolverem em movimentos organizados que buscam promover mudanças sociais (Angela Davis, 1981, p. 168)

Angela Davis é uma filósofa, escritora, professora e ativista estadunidense. Desde a década de 1960, Davis luta pelos direitos da população negra e das mulheres nos Estados Unidos. Intelectualmente, ela é influenciada pelo marxismo e pela Escola de Frankfurt. Nos movimentos sociais, defende a igualdade entre negros e brancos e a igualdade de gênero, além de teorizar acerca da importância do feminismo negro para reconhecer as dificuldades da mulher negra na sociedade, que, além de sofrer pela misoginia, sofre também pelo racismo. Angela Yvonne Davis nasceu no dia 26 de janeiro de 1944, na cidade de Birmingham, Alabama, nos Estados Unidos. Sua cidade sofria, na época de seu nascimento, com a política de segregação racial implantada na maioria dos estados do sul dos Estados Unidos. Angela Davis vivenciou desde cedo o racismo, vendo as ações brutais de uma das organizações mais populares do Alabama na época, a Ku Klux Klan. Além da política oficial de segregação, que não permitia que a população negra tivesse o reconhecimento de seus direitos civis e separava os espaços públicos para negros e brancos, Angela Davis vivenciou atos de barbárie

promovidos por brancos contra os negros. Eram corriqueiros os linchamentos de negros e o incêndio e explosão criminosos de casas e igrejas nos bairros habitados por negros.

Entre as ideias de Angela Davis no cenário político está abolição dos presídios; resistência; intersecção entre classe, raça e gênero e ligação entre racismo e violência sexual ideias totalmente focadas na luta da classe negra. Entre suas principais obras mais importantes estão MULHERES, RAÇA E CLASSE; MULHERES, CULTURA E POLÍTICA; A LIBERDADE É UMA LUTA CONSTANTE E ESTARÃO AS PRISOES ABSOLETAS? Cita essa respectiva mulheridade nessa pesquisa de maneira extremamente delicada e principalmente didática é citar as múltiplas mulheridades que se performam enquanto minoria nessa placa social e que são constantemente oprimidas, violentadas e mortas pelo feminicídio, estamos enxergando as mulheridades pretas, transexuais, capacitistas, LGBTQIAP+, faveladas, periféricas, pobres, moradoras de rua, bruxas, macumbeiras e principalmente a CRYATURA que se expressa nessa pesquisa. Enxerga nessa obra se trata de refletir uma mulheridade que mais se aproxima desses corpos que são constantemente violentados, corpos que não apenas se parecem em fisicalidade , mas que tem consciência sobre suas cicatrizes coloniais. Nunca vai bastar ser apenas uma mulheridade negra, preta ou capacitista é preciso consciência educacional política decolonial por parte desses corpos se tratando do Brasil, precisamos lutar juntos sem se render ao sistema colonial com subjetividade decoloniais , não devemos mais ser pessoas negras que aceita e exerce a venda de outras pessoas negras a colonialidade branca eurocêntrica. A consciência decolonial que se basifica na crítica e reflexão é urgente nesse país latino sul-americano, BRASIL.

É fato que atualmente uma das grandes urgências sociais é ação do verbo sentir. Resgatar essa palavra e realmente entender suas origens é perceber suas funções na arte e por conseguinte na consciência social. Palavra da origem latim sentire, perceber através dos sentidos, experimentar uma sensação ou um sentimento, quer por meio dos sentidos, quer por meio da razão. Se origina inicialmente da palavra sentire do latim, devido o latim ser considerado uma língua morta e sem registros que possa comprovar suas origens etimológicas não podemos nos aprofundar muito. Entretanto a questão é entender os significados que as rodeia, uma delas perceber através dos sentidos. Sentidos esses que podem ser traduzidos nas minhas observações em sala de aula e por meio das escritas expressivas, com palavras, letras, rabiscos, abraços plurais, choros, empatias, astronautas ou simplesmente um papel de chocolate colado no papel.

Uma das minhas grandes lembranças que fazem presente essa minha comprovação foi a aula do 3ºJ no exato dia 23/08/2022, no qual começamos acalmando esses corpos e deitando no chão com olhos fechados e abrindo nossas mentes para os estímulos sensoriais e imagéticos, para que as energias de aulas anteriores fossem diminuídas e o momento de consciência e calma fosse compactado. Seguindo começamos a acordar esses corpos com outros estímulos sensoriais e físicos, velocidades, níveis do movimento, correr, andar, pausar, sentir o instante e momento construído, sentir cheiros dos espaços imagéticos criados pela professora. E assim exercitando a imaginação, concentração da ação, descontração dos músculos, memória das emoções e as forças motivas interiores como propõe as técnicas de Stanyslavvsky (2016), íamos expandindo, dilatando e experimentando nossas emoções e verdades interiores.

Observar e aprender como professora com esse exercício executado foi *sentir* a entrega deles nesse respectivo dia e momento, um dos aspectos que com certeza facilitou essa imersão foi o espaço livre de interrupções sonoras, mais precisamente o modo que me coloquei em aula. Foi uma aula na qual eu os esperei se responsabilizarem pelo fracasso da aula, simplesmente esperei o respeito e o interesse por parte deles com comandos claros. É válido ressaltar assim como Stanyslavvsky(2016) expõe as práticas de preparação do ator precisam ser construídas de forma disciplinada, é preciso tempo, foco, sentir e espaço psicológico para a construção de verdades e emoções interiores, pois estamos vinte e quatro horas por dia em produção e preocupação contínua psicológica. Daí o espaço de calma e de diminuir as velocidades desses corpos por meio dos exercícios de consciência corpórea e dos sentidos imagéticos que devem buscar compactar a calma e tranquilidade, para que assim o interior se expresse de maneira fluida e clara.

Nos corpos que performavam masculinidade e mulheridade foi perceptivo as carapaças e muralhas, principalmente dos corpos que performavam masculinidade, existia uma timidez e vergonha na ação de sentir. Em relação aos corpos que performavam mulheridade se observava uma liberdade na demonstração afetiva como abraço, choro e alegria conquanto ainda com suas muralhas e principalmente julgamentos nesse público. No público das masculinidades uma carapaça sem julgamentos eu existo e sou essa força e possuo autoestima sobre ela. Mas nas mulheridades se observam os julgamentos e a vulnerabilidade dessa autoestima, pelos olhares de observação e seletividade, pois esses modos de existência são constantemente provados, observados e escolhidos. Resumindo os lunys que performam masculinidade simplesmente fizeram o exercício, já os lunys que performam mulheridade a todo momento com olhos abertos e buscando o olhar de julgamento do outro, alguém está me

olhando. Se evoluindo as construções de criação e cênicas em um respectivo momento todos se sintonizaram e obtiveram a disciplina necessária, momento esse que foi a construção de espaço cênicos por meio das esculturas corpóreas, exemplos estamos na praia: quem eu sou? Sou a criança brincando de vôlei! Construa então essa personificação agora, pausa, segura e sinta esse material dentro de você, nada mexe e nada treme. Nesse exercício foi belíssimo observar além do material artístico as suas disciplinas, mais precisamente suas construções coletivas e cooperativas, alguns lunys se utilizaram dos outros corpos para suas narrativas, como por exemplo: a garota de Ipanema que tinha o garoto tirando suas fotos e derretendo de amor por causa da sua beleza.

Entretanto, o momento mais rico e poderoso que foi a mais pura consciência social desses estudantes, foi o exercício de estímulos sensoriais, onde comecei a desenvolver o sentimento tristeza por meio dos estímulos de palavras e perguntas: que sentimento essa palavra me lembra, eu já senti ela, como foi sentida, é um sentir obscuro ou reluzente, qual a cor desse sentimento, qual o sabor dele no meu corpo, doce, salgado, azedo, frio, forte, quando eu sinto isso como fica meu corpo, minhas veias saltam, meu coração acelera, que material é esse dentro de mim, eu sinto, como sinto? Corpos que receberam esses estímulos e que ficaram livres em suas partituras de movimento, no exercício a grande maioria dos estudantes tiveram pequenas movimentações e se fecharam totalmente. Em um respectivo momento observando e andando por esses lunys, observei uma lunny que estava se desabando em lágrimas, chorando. Foi onde tive a minha grande conquista dessa pesquisa, dei o comando de sentir e receber as lágrimas dessa lunny, imediatamente os lunys fizeram um bolinho e se abraçaram, alguns fizeram carinho e outros simplesmente se abraçaram. Foi perceptível que 1 ou 2 lunys que performam masculinidade desenvolveram essa ação pelo efeito boiada, todos estão fazendo eu vou fazer. E a vergonha consciente de simplesmente dar um abraço, infelizmente esses corpos são construídos para não demonstrar afeto, ser forte significa não sentir. Já os corpos que performam mulheridade simplesmente abraçaram e sentiram aquela colega, colega essa que era inclusive um desses corpos. Ter esse resultado desses corpos nessa referida aula foi o ato mais lindo e perfeito de consciência social por meio das artes, foi perceptivo todos os valores éticos e morais que infelizmente atualmente a sociedade tem colocado em desuso, honestidade, respeito pelo próximo, responsabilidade, cooperação, lealdade, empatia, liberdade, altruísmo, gratidão, disciplina, fidelidade, honradez, coragem, perseverança, paciência, harmonia, tolerância, confiança, valentia, prudência, justiça, igualdade, bravura, caridade, sinceridade, modéstia, gentileza, generosidade, solidariedade,

compaixão, cortesia, integridade e espírito de cooperação. Talvez se a nossa estrutura social velhaca tradicionalista desse mais valor as artes e suas tecnologias estaríamos em uma sociedade mais consciente, saudável e livre de opressão e violência. Após o final da aula a lunny que se comoveu com o exercício se fez presente e relatou, “professora obrigada pela aula eu acho que precisava chorar”. Em minhas palavras obrigada arte por permitir que eles sintam. Anexos 1: escritas expressivas do 3ºJ do exato dia 23/08/2022.

Outro fator importante é entender o ensino artístico como a necessidade da educação do conhecimento e dos sentimentos. Observo que um professor de artes cênicas que lida precisamente com as emoções, jamais deve ter uma metodologia e didática irresponsável, opressora, violenta e agressiva, pois estamos lidando muitas vezes com estudantes adoecidos, e se tratando de estudantes periféricos como observados na pesquisa de campo do Centro de Ensino Médio 01 de Brazlândia, são lunnys vítimas de um estado e escola totalmente opressores. Muitas vezes alguns lunnys necessitam de atendimento psicológico e psiquiátrico, e as famílias muitas vezes não percebem ou não querem perceber os cuidados necessários aos seus filhos.

Educação é uma responsabilidade coletiva, educação é cuidado e não somente um mínimo ato de ensinar. Como observado em minhas aulas tive lunnys que perderam familiares durante a pandemia de 2019, lunnys com conflitos e pesos familiares, lunnys que simplesmente não se permitiam chorar e lunnys transexuais e homossexuais com extrema dificuldade de interação social, em alguns relatos coletados durante a pesquisa. Tive lunnys que ressaltavam que precisavam chorar e outro que questionou se eu como professora sabia a responsabilidade de ter a vida de alguém nas minhas mãos.

Angela Davis (1981) comprova, por meio de seus estudos, algumas reflexões que me fizeram entender melhor e participar nesse processo. Outra ramificação que acabo por me deparar, é que muitas vezes essas recém subjetividades que são esses lunnys da rede pública, periféricos, muitas vezes não possuem as doenças sociais já petrificadas (preconceitos, falta de empatia, respeito, ética). O que se observa são construções em movimento buscando estruturas. Fico em observação a essa reflexão pois, como professora acredito que pode ser um lugar de influência subjetiva saudável para esses lunnys. Principalmente, por que eu como professora participo da construção dessas subjetividades, subjetividades que podem ser abertas a um mundo ou petrificados em padrões e preconceitos sociais. Abaixo citação de

Davis (1981) em relação a arte como função de sociabilização e educação das emoções humanas.

A arte é especial por sua capacidade de influenciar tanto sentimentos como o conhecimento. Christopher Caudwell, o comunista britânico que escreveu amplamente sobre estética, certa vez definiu a função da arte como a sociabilização dos instintos humanos e a educação das emoções humanas: “A emoção, em todo o seu intenso colorido, é a criação de eras de ação da cultura sobre os instintos cegos, insensíveis. Toda arte, toda educação, toda experiência social cotidiana a trazem à tona [...] e conduzem e dão forma as suas inúmeras manifestações” (Davis, 1981, p. 168).

Trazendo outra questão ainda relacionada com a reflexão, entendemos que o ensino das artes cênicas é um espaço de autoconhecimento do estado psicológico mental desses alunos, que se encontram no ambiente escolar. A arte possui a capacidade de educar as emoções e por conseguinte nossos instintos, mas também de colocá-las em clarificação ao meio. Pois se trata de ensino de trabalho corpóreo e mental. Esses alunos precisam se colocar por inteiro nas aulas, como feito na pesquisa de campo. No ensino de artes e em específico nas artes cênicas, é preciso sentir o que é feito. Voltamos mais uma vez na responsabilidade do professor em suas relações didáticas e metodológicas. Se tratando da escola, é importante ressaltar que muitas vezes esse ambiente totalmente opressor não dá suporte a alguns alunos adoecidos socialmente. A sala de recursos ou pedagógica muitas vezes é um espaço totalmente supérfluo, pois não promove a resolução do problema e as vezes só passa o mesmo para outra instituição ou alguém, e no final o aluno que perde, sendo essa uma das causas da evasão escolar.

Compreender a sociabilização dos instintos humanos e a educação das emoções por meio da arte em sala de aula com base nas minhas experiências, se trata de um trabalho contínuo com muita observação e autoconhecimento desses estudantes. Não somente um autoconhecimento do aluno para aluno, mas de aluno para professor e por conseguinte de professor para professor, observar que muitas vezes se tratando do ensino das artes cênicas, nossas metodologias e didáticas vão dando resquícios desses extintos e emoções. Se os alunos demonstram interesse sobre a aula, observamos como mostram interesse, como são esses interesses na aula e como se desenvolvem as aulas. Como ponto de partida começar a observar a recepção e participação desses alunos em sala em coletivo e singularmente. O ensino das artes cênicas trata de um trabalho mais coletivo do que singular, trabalho esse que buscamos mais cuidar do próximo do que de si mesmo. Fundamento que muitas vezes educa socialmente nossas emoções e principalmente nossos instintos. Questões que foram analisadas na aula do 3º I durante o período de Estágio na escola. Anexo 2: Escritas expressivas aleatórias do 3º I.

Como cotidianamente é feito, nas aulas foi trabalhado o estado de calma, pois chegam dispersos em sala e é impossível um trabalho cênico sem esse estado. Avançando se desenvolveu os exercícios de acordar esses corpos para evoluir para nossas criações e construções. No respectivo exercício da construção de sensações por meio sons, como sons de fogo, vidro quebrado, violino, água ou até mesmo sons inimagináveis como o som do útero com feto. Analisar esse exercício nesse respectivo dia foi alcançar diversas emoções e sentimentos nesses corpos, e fazer principalmente com que esses corpos tenham responsabilidade sobre esses sentimentos, visto que nossos instintos ainda se encontram ali como o medo, a ira, defesa, ataque, sobrevivência, fome, sede, proteção, ou até mesmo o suicídio, agressão e ódio como defende Freud (1905).

Sentir essas emoções e instintos no corpo muitas vezes se trata de um lugar de autocontrole e conhecimento, esses lunys experimentaram e tiveram que sustentar e manter o controlar, desde do medo até suas sobrevivências, muitas vezes se trata de conhecer seus limites e principalmente seu caos humano. Infelizmente na vida não recebemos um livro de como lidar com nossas súbitas sobrevivências e principalmente emoções seja qual for, muitas vezes não podemos reprimi-las como espaço de saúde mental precisamos senti-las e aceitá-las e resolvê-las de maneira objetiva e clara. Quando citamos educar nossas emoções não se trata simplesmente de escolher sentir apenas emoções ou instintos designados “bons ” e reprimir as “ruins”, mas se trata precisamente de como passar por essas emoções e instintos sem interferir no outro ou a si mesmo de forma prejudicial ou desfavorável dentro de nossas qualidades de vida sociais e singulares. Muitos desses lunys que fizeram a aula e experimentaram a emoção da ira e do ódio ficaram de frente com seus colegas de sala, e a grande questão era como passar por essa emoção vendo o meu colega de turma na minha frente, muitos desses lunys ficaram com suas veias saltadas e suas mãos contraídas em posição de ataque.

Um dos grandes poderes das artes é certamente lidar com interior de maneira profunda no nosso pior ou melhor caos como seres humanos, e não somente um exterior ou racionalidade crua como outras disciplinas lidam, como exemplo a matemática, português, inglês, química ou física. Fica a grande indagação qual a matéria que lida com nossos instintos primitivos e nossas emoções humanas (ódio, amor, raiva, inveja, desprezo, angústia, alegria, felicidade)? Somos constantemente ensinados em especial por indivíduos religiosos que somos ótimos seres humanos sentindo apenas o amor e a bondade fato que constroem e modula nossas moralidades subjetivas, mas eu como individuo pesquisado trago em minhas

vivências que é impossível você passar por essas relações sociais sem ter ódio, raiva, insatisfação, desprezo, vingança ou inveja principalmente por se tratar de uma sociedade tão violenta e doente. Lamentavelmente somos o resultado de uma sociedade violenta de múltiplas competições, e o capital é a base dessa desordem social.

E indubitável também negar que socialmente ainda temos indivíduos que são doentes psicologicamente e impossível de estar em sociabilização como é o caso de pessoas com transtorno de personalidade antissocial, ou seja, indivíduos incapazes de sentir remorso ou empatia, além de apresentar comportamentos egoístas, ousados e apáticos. Faço a relação dessas pessoas com a devida pesquisa pois como professora das artes e precisamente das cênicas, se trata de um espaço também de perceber lunys com possíveis doenças psicológicas como essa, pois a área das artes cênicas lida precisamente com corpo. Não se trata de promover diagnóstico uma vez que não sou uma profissional da saúde e da área, mas observo que discordâncias nessas relações sociais em sala podem existir e que precisam ser minimizadas ou resolvidas visto que vivemos socialmente. Infelizmente se trata de assunto com múltiplas complexidades, entretanto a escola deve se responsabilizar por essas adversidades observando que outras pessoas se encontram nesses espaços sociais.

Com a intensão não somente observar essas adversidades acima citadas, mas outras centenas que a escola tradicionalista brasileira finge não enxergar, como argumento trago os seguintes fatos: cerca de 100 crianças e adolescentes de até 14 anos são estupradas por dia no Brasil, segundo levantamento inédito feito pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com a Unicef. De 2017 a 2020, 81% das vítimas de estupro de até 14 anos, um total de 145 mil casos ou 36 mil por ano. Durante o período, foram registrados 179.277 casos de estupro ou estupro de vulnerável com vítimas de zero a 19 anos uma média de quase 45 mil casos por ano. Crianças de até 10 anos representam 62 mil das vítimas, ou seja, quase 35%. É importante ressaltar que a maioria dos casos ocorre na residência das vítimas, 86% dos autores são conhecidos. Como professora de artes cênicas dentro das minhas experiências e mulher transexual repleta de traumas, inclusive sexuais posso assumir com toda veracidade que todos os lunys dentro de suas condições sendo vítimas de algum ato violento dão indícios de adoecimento sobre seu estado e circunstâncias. Tiro essa conclusão até da minha própria escolarização, o corpo docente finge não ver uma vez que se tratam de assuntos complexos e porque muitas vezes o estado não dá suporte eficaz para esse docente. Encaminham para o psicólogo! Muitas vezes o psicólogo só existe no computador e nunca compareceu na unidade escolar como acontecido no meu período de escolarização. Como ponto de observação,

situação inclusive que aconteceu nessa mesma escola que realizei essa pesquisa, só que agora como professora em formação. Não sei ao certo o que faria como professora se me deparasse com um caso assim, entretanto como professora não posso fingir que não enxergo meus alunos, até mesmo sendo uma professora com a minha devida condição, e principalmente porque educação é também enxergar, e caímos mais uma vez naquele lugar, sou professora, mas educação é uma responsabilidade social portanto saio do lugar de professora e passo a agir como indivíduo social.

4. CORPO DISSIDENTE QUE SE APROPRIA DE STANYSLAVYSKY E DENÚNCIA O SISTEMA EDUCACIONAL COLONIAL EUROCÊNTRICO.

É de extrema relevância entender e justificar o autor Stanyslavysky (2016) que se configura nessa pesquisa, pois se trata de um estudo advindo de um corpo branco, cisgênero e europeu. Faço a reflexão de uma apropriação intelectual, que busca questionar o próprio sistema opressor da educação periférica, cisgênera, europeia e branca brasileira do Distrito Federal. O devido estudo, não busca promover uma metodologia teatral e didática de como se ator partindo de corpos periféricos negros, capacitista, heterossexuais, homossexuais, transsexuais, bissexuais, não-binários, intersexuais, assexuais, pansexuais... e indivíduos da faixa de pobreza do Brasil, a respectiva pesquisa não possui esse cunho, até porque como já citado anteriormente se trata de um autor advindo das artes cênicas branco, cisgênero e europeu, Stanyslavysky (2016).

Partindo das minhas reflexões feita acima, procuro entender as minhas escolhas de pesquisa a respeito desse autor e como ele influi no meu processo de formação acadêmica e como professora, atualmente. É válido ressaltar que esse material de pesquisa parte de um corpo totalmente dissidente às nomenclaturas sociais brasileiras. Um corpo de uma mulher transexual, travesti, negra, pobre, heterossexual e afetiva., uma corporeidade totalmente violentada em um sistema opressor. Continuando, é importante dizer que dentro das minhas construções sociais sempre me vi extremamente perto dos indivíduos que performavam mulheridades. Uma das primeiras, minha mãe, uma senhora de 44 anos que veio do interior do estado Ceará para Brasília, Sobral. Com a devida fala: “Senhor eu vou embora daqui e nunca mais vou passar fome da minha vida”, e assim se sucedeu. Cito essa mulher nessa

pesquisa acadêmica, visto que, foi a minha primeira referência de mulheridade e que abdicou de sua vida para me dar uma educação de *qualidade*. Essa mulher como a maioria dos corpos que performam mulheridades, foi vítima de diversas opressões sociais. Em Brasília, trabalhando como doméstica foi chamada de ladra, recebeu tapa na cara de filha de patroa, foi vítima do machismo, de violência doméstica e psicológica.

Citar essa mulheridade nesse material de pesquisa, é acima de tudo entender como os corpos que performam mulheridades têm a devida pujança de transformar e mudar seu nicho social. É sempre interessante observar que quando descrevo a citação não fazemos referência a uma totalidade de 100%, dado que sempre vão existir casos isolados e contraditórios. A grande questão é entender a propensão desses corpos que performam mulheridade de desenvolver e promover educações inclusivas e humanizadas. Outro fator, ser mãe não significa abdicar de suas vidas, mas infelizmente nessa é configuração do nosso sistema estrutural opressor, heterossexual e cisgênero isso acontece com frequência. Estamos em um país onde metade das mulheres brasileiras são responsáveis por suas famílias. As mulheres mães são cuidadoras de seus filhos, maridos, esposos e do mundo, mas a grande reflexão é, quem cuida de nós, mulheres? A grande questão aqui é entender a força da maioria desses corpos socialmente, que perpassa meu corpo de uma mulher transexual e de toda a sigla LGBTQIAP+. Perpassa a educação, e principalmente a sobrevivência se tratando do meu corpo. Sem a força da subjetividade da senhora Maria Dás Dôres Silva de Sousa na minha vida, com certeza eu já estaria na porcentagem de 90% de mulheres trans que se prostituem no Brasil, ou talvez mais uma que foi morta no país que mais mata MULHERES TRANSEXUAIS NO MUNDO. Fazer essas reflexões acima é entender que muitos corpos que performam mulheridade me salvaram na minha construção social. Entender educação por esses corpos é entender também que esse papel muitas vezes são exclusivos desses corpos, se abstendo assim as masculinidades de todos esses papéis e de suas responsabilidades nelas compostas.

Como citado anteriormente, sempre estive muito perto dos corpos que performavam mulheridades na minha construção, desde minha mãe até as professoras do departamento de artes cênicas, no qual concluo minha graduação atualmente. No período no qual entrei em 2019, os professores eram majoritariamente brancos, cisgêneros e de elite. No quesito representatividade de corpos que performam mulheridades, já se observa uma pequena ascensão de mulheres cisgêneras brancas. Entender esses recortes identitários é observar o entendimento dessas pessoas sobre meu corpo dissidente. Por se tratar de um departamento

que acolhe LGBTQIAP+ tive grande segurança mental social durante a formação. Claro, são corpos cisgêneros e conscientização não significa ação. Não basta falar e não viver as opressões sociais na pele.

É por meio das minhas experiências como aluna, com minhas professoras que performam mulheridades, que encontro a fundamentação dessa pesquisa sobre as práticas de Stanyslavysky (2016). Em minha formação no departamento de artes cênicas da Universidade de Brasília, sempre me mantive perto das professoras. Sendo um corpo dissidente extremamente vulnerável e afetivo, até devido aos meus tratamentos hormonais, sempre me mantive perto dos corpos que desenvolviam afetividade e acolhimento, corpos que performavam mulheridade. Corpos de mulheres, cisgêneros e brancos, infelizmente o máximo de representatividade que o departamento conseguia abarcar nesse período. Reflexão: educação também é acolhimento e afetividade! Não se trata de ser mães de lunys, mas desenvolver uma educação acolhedora e principalmente afetiva que possua limitações. Me descrever com essas relações foi um fator de extrema importância na minha formação dentro departamento de artes cênicas. Em relação aos estudos de Stanyslavysky (2016), que se expressa nessa monografia, a grande questão é entender a humanização dessa teoria Stanyslavyskyana por partes desses corpos que performam mulheridade(professoras) e que flui esses conhecimentos e por conseguinte, influenciou na minha formação acadêmica.

Portanto, meus estudos seguem por meio do meu corpo que performa mulheridade travesti, transexual, negra, pobre, periférica e que se abstém desses conhecimentos cisgêneros, heterossexuais e machistas, e que o desenvolve por meio de outra perspectiva. Conseqüentemente se trata do estudo de um homem cis, branco, europeu e que sim, foi elaborado para pessoas eurocênicas brancas. Não obstante, a grande singularidade é entender essa apropriação intelectual partindo de outra perspectiva, na perspectiva de uma mulher transexual, travesti, negra e na linha de pobreza e periférica do Distrito Federal, buscando ressignificar e se apropriar dessas narrativas, principalmente por se tratar das artes cênicas, um conhecimento da elite branca e de homens cisgêneros europeus. É preciso dizer que as artes cênicas na minha estrutura social também pertencem aos corpos dissidentes. Em suma, uma narrativa contemporânea partindo dessa *Cryatura* como Denúncia e, principalmente educação TransmulherilnegrapericacapacitistaLGBTQIAP+minoriadecolonial.

Para atingir nosso objetivo precisamos contar, além do auxílio da natureza, com uma técnica psicológica bem trabalhada, com um enorme talento e com grandes reservas físicas e nervosas (Stanyslavysky , 2016, p. 46).

Inicialmente, é preciso entender os estudos de Stanyslavysky (2016) dentro das artes cênicas, é um estudo que perpassa o psicológico humano, para que consiga ser vivido do interior para o exterior, obtendo-se uma arte viva e que consiga chegar nos espectadores, assim como expõem Stanyslavysky em A Preparação do Ator: “precisamos contar com uma técnica psicológica bem trabalhada” (2016, p. 46). Tendo como foco as devidas referências em sala de aula. É válido dizer que toda as práticas foram construídas com lunys periféricos, negros e LGBTQIA+. Outra questão é entender a construção das aulas que eram divididas em relaxamento, trabalho físico, estímulo e escrita expressiva. Relaxamento, era um momento de tranquilizar esses corpos eufóricos que advêm de aulas anteriores. “Em nossa arte é preciso viver o papel a cada instante que o representamos e em todas as vezes. Cada vez que é recriado tem de ser vivido e de novo encarnado” (Stanyslavysky , 2016, p.48).

Durante as observações desses corpos, pude comprovar que alguns se adentraram em suas relações psicológicas de maneira responsável conforme o estímulo da professora. Outros se adentraram profundamente em seus adoecimentos psicológicos, como por exemplo perda de familiares, sensibilidades extremas e fardos familiares. Nas escritas expressivas é possível observar relatos de lunys que se sentiram calmos e que se teletransportaram nos estímulos das figuras imagéticas, se obtendo a criação cênica. Em outros casos, lunys se embrenharam em suas dores psicológicas, sentindo necessidade de chorar devido a problemas pessoais; lunys que se sentem fracassados em suas perspectivas de vida; e até aqueles com responsabilidade da vida de outras pessoas em suas mãos. Ter esses resultados em minhas primeiras observações, foi entender o estado caótico que se encontra nossas futuras gerações, e como o meio social e a própria educação não enxerga esses lunys adoecidos.

É de grande interesse fazer as observações acima, como o autor Stanyslavysky (2016, p. 10) diz: “Em nossa arte é preciso viver o papel a cada instante”. Faço uma conexão com alguns momentos da história do cinema, onde foi perceptível esse viver por parte dos atores, como exemplo a atriz Marilyn Monroe, cujo preparador era Lee Strassberg que também se apropria dos estudos de Stanyslavysky (2016). Ter essa referência do cinema nessa pesquisa é entender como os adoecimentos psicológicos podem de alguma forma ser utilizados nas artes de cena. Como professora de artes cênicas não sei ao certo o ponto de ética de usar as vivências de alguém dentro da construção de material narrativo cênico. Voltando a Marilyn

Monroe estamos sim citando uma mulheridade branca cisgênero, não obstante uma mulheridade totalmente adoecida socialmente e que se utilizou de suas dores para viver intensamente a arte enquanto potência cênica no cinema. Regressando aos meus lunys o grande tópico foi entender Stanyslavysky(2016) não como construção cinematográfica ou da interpretação, mas os efeitos dessas práticas nesses corpos. O que foi perceptível de nossas subjetividades a partir do momento que utilizamos técnicas do teatro. Como observado acima foi perceptível identificar estudantes com indícios de adoecimentos psicológicos. E como foco da pesquisa o que se denúncia a partir dessas percepções, reflete precisamente a educação tradicionalista brasileira. Um problema do estado político e principalmente de uma nação.

Outra questão a se refletir, é como o conceito de educação se encontra tradicionalmente simplesmente no ato de *ensinar*. E a principal inquietação: quem ensina esses lunys a ter interação social de maneira saudável? Desenvolvimento da comunicação e expressividade e principalmente as diferentes resoluções de seus problemas sociais? Infelizmente a educação atual nem possui estrutura para essas possíveis soluções, porquanto muitas vezes esses lunys são invisíveis e a escola não promove metodologias e didáticas de uma educação comunicativa e expressiva. E sem dúvida, nesse mundo precisamos cada vez mais dessa comunicação expressiva. Em relação ao componente curricular, a aula artes muitas vezes é apenas um encontro de duas aulas na semana, onde estudantes simplesmente desenvolvem desenhos ou conhecimentos teóricos nos slides (muitas vezes descontextualizados), como observado nessa escola. Em alguns casos os lunys não têm o mínimo apressado pela matéria, pois na construção de suas estruturas sociais a matéria de artes é do desenho. E, por outro lado, uma causa que considero frustrante, é que as novas gerações não possuem o desejo pelo estudo em geral. Para esses lunys as didáticas existentes, muitas vezes são frustrantes e violentas, os professores simplesmente transbordam conteúdos e não deixam as aulas atrativas e principalmente interessantes. Precisamos seriamente refletir sobre novas didáticas e metodologias, infelizmente estamos competindo com todos os meios tecnológicos do século XXI, e não podemos mais ter educadores que simplesmente verbalizam aulas de 50 minutos, onde os lunys só assistem aulas expositivas e não desenvolvem o mínimo de senso reflexivo e crítico.

Além de todas essas reflexões feitas acima, ainda é preciso repensar sobre professores extremamente carregados de discriminação, e que simplesmente não desenvolvem uma educação inclusiva, democrática e principalmente laica. Em alguns casos sentem autorizados a desenvolver esse tipo de educação pois estamos falando de uma sociedade extremamente conservadora e violenta, e que ao mesmo tempo possui profissionais da educação com

formação ainda tradicionalista. Sem os devidos estudos sobre sexualidade, identidade de gênero, orientação sexual, sustentabilidade, discriminação social, tecnologia contemporânea, cultura, etnias entre outros estudos básicos que são urgentes nas formações de licenciados do período contemporâneo, não temos condições de avanços e superação de tal problema.

Como foco de reflexão trago os seguintes dados dos estudos das “Vivências reais de crianças e adolescentes transgêneros dentro do sistema educacional brasileiro”, realizado pela ONG LGBTQIAP+ do grupo dignidade. Material desenvolvido em parceria com a UNESCO que reuniu 120 famílias responsáveis por crianças e adolescentes transgêneros, apontando a necessidade de reformulação do sistema educacional para que o acesso à educação seja garantido a essa população. O estudo expõe que 77,5% das crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos, já foram vítimas de transfobia no ambiente escolar, 65% dos autores das violências são profissionais das instituições de ensino, sendo que 56% são professores, e o mais alarmante, 98% das famílias não acreditam que o ambiente educacional brasileiro seja seguro para crianças e adolescentes trans. É importante frisar novamente que os familiares citados possuem convívio com pessoas transexuais e que dispõem de respeito e amor a esses corpos. Ou seja, uma minúscula amostra de uma sociedade não conservadora. Em suma, a educação atual no público das minorias brasileiras não possui um ensino democrático e inclusivo. Na fala de Marielle: “Falar de igualdade entre mulheres e homens, meninas e meninos, é falar pela vida daquelas que não puderam ainda se defender da violência” (Franco, 2018, Discurso para a votação do Plano Municipal de Educação).

Acima trago a citação do devido discurso para a votação do Plano Municipal de Educação de Marielle Franco, vereadora, defensora dos direitos humanos e das minorias, covardemente assassinada no dia 14 de março de 2018. E faço a seguinte releitura: *Como falar de igualdade entre as, minorias, é falar pela vida daqueles que não puderam ainda se defender ou que nem conseguiram se defender da violência, como dialogar igualdade para indivíduos que precisam extirpar e brigar por seus direitos que já são garantidos em constituição.* Não se trata somente de garantir educação ou igualdade para as minorias, em específico pessoas transexuais, negras, pobres e capacitistas não obstante garantir o direito de ser, pertencente a essa nação tendo garantido qualidade de vida. É dever do Estado garantir a todos uma qualidade de vida compatível com a dignidade da pessoa humana, assegurando a educação, os serviços de saúde, a alimentação, a habitação, o transporte, o saneamento básico, o suprimento energético, a drenagem, o trabalho remunerado, o lazer, as atividades econômicas.... A pujante indagação se faz presente se tratando da educação brasileira, é que

esse ensino tradicional é pertencente a um Brasil específico, é falar do Brasil branco, cisgênero, machista, macho, padrão e eurocêntrico. E pessoas como eu pesquisadora, mulher transexual, negra e pobre, necessita de brigar, provar e se defender para acessar esses espaços, como a escola pública e a própria universidade pública (escola pública e universidade pública tradicional opressora e violenta). É válido ressaltar que ainda temos o racismo estrutural, não basta simplesmente a qualificação desses corpos e suas qualidades potenciais, o próprio ambiente acaba por selecionar os corpos mais próximo dos padrões eurocêtricos, ambiente esse construído por individualidades brancas e padrão, em suma um reflexo colonial em suas raízes sociais brasileiras latino americanas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente gostaria de ressaltar e frisar que todo o material exposto aqui nunca foi apenas a finalização de uma graduação em uma universidade pública do Brasil. Nessa agregação de palavras, reflexão e Denúncia foram escancaradas todas as minhas dores e cicatrizes enquanto mulher transexual, negra, periférica e pobre. Falo de educação porque foi o que me salvou, falo de crianças pois são indivíduos que ainda sentem e me enxergam, falo de proteção pois foi o que sempre busquei, falo de minorias pois muitas vezes não fui enxergada, falo de humanização pois é o que me salvou de diversos suicídios, falo de valores éticos e caráter pois tive que me construir em realidade para continuar viva, falo de cor e raça pois sou sexualizada constantemente devido minha cor, falo de mulheridades pois é o que me permite ter orgulho de mim e existir, falo de estupro pois sou estuprada constantemente por uma sociedade doente, falo de pobreza pois sei do sentimento de querer e não poder ter, falo do capacitismo pois sou lida constantemente como aberração, e principalmente falo de sentir e de afeto por que é o que me faz continuar viva. *Eu falo de mim pois eu vivo.*

Não sei do que se trata a minha origem de criação, só sei que já fui salva e protegida por repletas forças até chegar aqui aonde estou. Hoje não posso negar que sou resultado de muita ira e principalmente justiça, não obstante eu sou um pedaço de fogo vivo e intenso que possui um papel muito importante nessa vida que todo dia descubro um pouco dele. Tenho a raiva e a arte que me faz me mover nesse mundo e mostrar meus dentes pois sou a Aysha Lion, Cryatura e Mulher que vive. Quero que saiba que sou a mulheridade mais orgulhosa de

si nesse mundo dado que por onde passo não deixo um cenário de guerra com lágrimas, já sofri tanto preciso retribuir com a paz e principalmente a sensação de felicidade seja ela qual for. Não sei ao certo onde vou parar, mas quero que saibam que serei tão grande a ponto de deixar paz e poucas lágrimas nesse mundo. Sou a Aysha que vocês conheceram, e que viram principalmente viver e viva, pois, eu “sinto”.

Compreender essas reflexões e material de pesquisa na minha construção é entender a transformação como possível seja qual for a reflexão de caos de uma sociedade, é observar as reparações sociais como possível. Volto a dizer não se trata de idealizar um mundo perfeito, mas aceitar que toda criança transexual, negra, indígena, pobre e capacitista de nacionalidade brasileira deve ter o direito de sonhar em ser o que desejar de forma possível com uma educação de qualidade e não opressora, garantida pelo estado. É deixar claro e em grito, os indivíduos sociais que não são favoráveis a essa sociedade não deve nem ter o direito e dever de existir em sociedade pois não são mais seres humanos e nem animais pois perderam o ato de humanização (que envolve sentir). Todas essas minhas iras expostas acima são resultado de uma mulheridade que chegou até aqui costurando seus pedaços e protegendo a todo momento seu coração. Coração esse que busca poucas lágrimas nessa sociedade global pois não desejo a ninguém momentos que fizeram me sentir um “NADA”. Um “NADA” criança, adolescente, jovem, adulta, mulher, indivíduo social, brasileira ou simplesmente humana. Em suma nem um brasileirinho deve possuir minhas cicatrizes eternas e profundas advindas dessa sociedade que ressaltei durante esse material.

Calcorreando ao desenlace consagro esse material e minha formação em artes cênicas em licenciatura na Universidade de Brasília principalmente à minha família, meu pai Francisco Luiz Rodrigues de Sousa, meu irmão Wanderson Silva de Sousa corpos que tem buscado reeducar suas performances de masculinidade para me enxergarem em afeto e existência. Em específico e especial dedico a minha mãe a senhora Maria Dás Dôres Silva de Sousa e a minha irmã Kamily Vitoria Silva de Sousa, mulheridades essas cujo eu vi e senti as maiores provas de afeto ao meu corpo dissidente. Corpo esse a sociedade oprime a todo momento e que muitas as pessoas ao redor dele são oprimidas juntamente como ocorreu na minha família. Sou eternamente grata a minha mãe que decidiu ser minha mãe de fato e me protegeu desse mundo como uma leoa e a minha irmã que em todos os momentos teve orgulho de me ter como irmã e de muitas vezes me proteger socialmente. Também dedico esse trabalho ao meu namorado, mais precisamente ao indivíduo Marcos Manuel Rocha de Paula que assim como eu possui um corpo transexual e dissidente. No qual possuo muito orgulho e admiro sua

subjetividade pois sei que não foi fácil sua construção social, e que mesmo com meus desprivilegios ainda sim possuo privilégios comparado a sua vida. Em suma esse diploma é meu devido a minha coragem de sobreviver, mas de todas essas pessoas acima que citei e que me ajudaram chegar até aqui. Em particular de uma mulheridade que abdicou de sua vida e de uma masculinidade que constantemente tem buscado se reeducar para me enxergar, todos também vítima dessa educação tradicionalista colonial e opressora (pai e mãe).

Além dessas subjetividades acima citadas também consagro esse material a todas as mulheridades que me ajudaram no meu processo de sobrevivência e existência. Nunca me arrependi de ser eu mesma pois as mulheridades fornecem acolhimento e afeto assim como todas vocês me ofereceram. Obrigada e saibam que vocês são as energias do mundo e da transformação. Na minha caminhada de espiritualidade sempre me vi protegida, até hoje não sei por que? Acredito que tenha um papel muito grande e importante nesse mundo, por isso agradeço a essas energias pela proteção que eu tenho certeza que são mulheridades e por conseguinte DEUSAS. Concluo por aqui e quero que saibam que serei grande nesse mundo, guardem meu nome pois vocês se lembrarão e guardem minhas energias pois no mundo espiritual serei minha DEUSA. Até mais, assinado a Cryatura, Aysha nome de origem árabe que significa *mulher que vive ou que está viva*.

7.. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**, 1ºed. Boitempo, São Paulo, Jinkings Editores Associados Ltda,2016 Angela Davis 1981.

STANISLAVSKI, Constantin. **A Preparação do Ator**, 34º ed. Pontes de Paula Lima, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira,2016.

GONZALÉZ REY, Fernando. **Subjetividade e Sujeito**, Thompson, São Paulo, 2003.

NETTO, Janete, **Ética, Responsabilidade Social e Formação de Educadores**, Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 29, n.01, p. 311-317, mar. 2013.

WALDOW, FIGUEIRO, Vera, Rosália, **Cuidar e Humanizar: Relações e Significados**, Artigo recebido em :19/06/2009, Porto Alegre RS, Act Paul Enferm 2011,24(3):414-8

UNESCO,UNAIDS,**Ensaio sobre vivências reais de crianças e adolescentes transgêneros dentro do sistema educacional brasileiro**, [livro eletrônico] / organização Thamirys Nunes. -- Curitiba, PR: IBDSEX, 2021. Pesquisado em: [eBook completo 0912 FINAL.indd \(unaid.org.br\)](#)

GARCIA, Amanda, **Estudantes com deficiência têm maior risco de evasão escolar, aponta estudo**, CNN Brasil, 13/06/2022 às 12:08, Disponível em: 24/01/2023, Pesquisado em: [Estudantes com deficiência têm maior risco de evasão escolar, aponta estudo \(cnnbrasil.com.br\)](#)

TENENTE, Luiz, **MEC omisso no pós-pandemia, evasão escolar, atrasos na aprendizagem e universidades falidas: especialistas apontam desafios de Lula na educação**, Globo, 07/11/2022 05h02, Disponível em: 31/01/2023, Pesquisado em: [MEC omisso no pós-pandemia, evasão escolar, atrasos na aprendizagem e universidades falidas: especialistas apontam desafios de Lula na educação | Educação | G1 \(globo.com\)](#)

INSTITUTO UNIBANCO, Observatório de educação Ensino Médio e Gestão, **A experiência das pessoas trans na Educação**, Disponível em :11/01/2023, Pesquisado em: [A experiência das pessoas trans na Educação | Observatório de Educação \(institutounibanco.org.br\)](#)

MACHADO,ACAYABA,Lívia,Cíntia, **Cerca de 100 crianças e adolescentes de até 14 anos são estupradas por dia no Brasil, dizem Unicef e Fórum**, Globo, 22/10/2021 10h30, São Paulo, Disponível em :20/12/2022, Pesquisado em: [Cerca de 100 crianças e adolescentes de até 14 anos são estupradas por dia no Brasil, dizem Unicef e Fórum | São Paulo | G1 \(globo.com\)](#)

MG2, **Cerca de 90% das travestis e transexuais do país sobrevivem da prostituição**, Globo G1, 18/05/2018 20h54, Belo Horizonte, Disponível em: 24/01/2023, Pesquisado em:[Cerca de 90% das travestis e transexuais do país sobrevivem da prostituição | Minas Gerais | G1 \(globo.com\)](#)

8 – ANEXOS

ANEXO 1

Nome: Joaquim Eduardo de Lima Mendes
Turma: 3º 3º

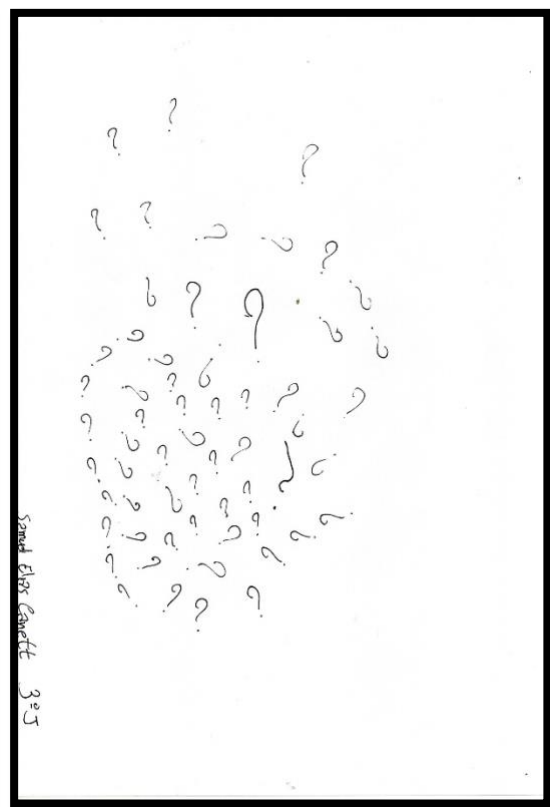
Eu me senti bem, relaxante e ao mesmo tempo triste
pelos meus colegas que choraram mas acho que eles
precisavam disso.

Renata R. da Silva
3º 3º

A dor que eu sinto
Lágrima nenhuma e capaz
de Aliviar

OU VOCÊ LIDA COM SUA DOR
OU VOCÊ sente ela todos os
DIAS

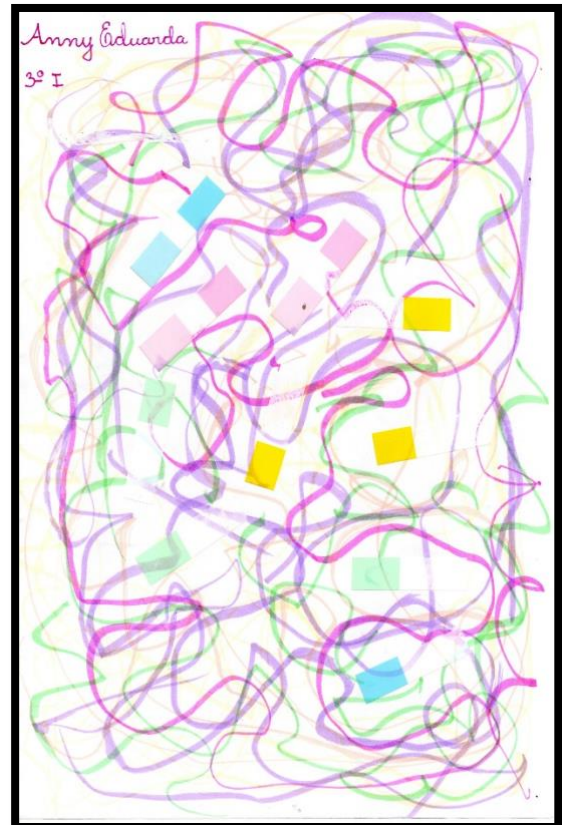
Gratidão!



ANEXO 2

William Bonifácio Romarinho 30/08/20 3º I 1137

Era uma fada.
Viu a minha criança me abraçar
Ela segurava a minha mão e sumiu
Estava a procura de alguém eu era, recuperei a realidade de mi-
nha criança.
Me tornei uma fada do conhecimento.
Era linda, brilhante
meu mundo no meu interior
Eu sinto raiva
no peito da minha casa ansiedade
A água me acalmava
Cão raivo, tinha gosto de chocolate, chocolate me deixava feliz.
As pessoas que amo gostam dos meus, preciso de
de um espaço só pra mim no meu mundo!
Raiva, muito raiva pelo pouco de meu trauma, raiva, den-
raiva e que fez com a minha criança?
mas quando voltei a dormir com a água que acalma raiva
se dissolveu, no meu mundo eu matei raiva.
porque eu amo minha mãe e minha criança e preciso
dela pra me ajudar e me encontrar agora.
no meu mundo sinto pertencimento e pureza.



Dimitry dos Santos Cardoso 3^o I

→ Me senti como personagem humanoide, com poderes de voar e agilidade do super homem, porém mais magro. Eu era preto, com minha cara um pouco modificada com coquea colada preta. Existiu Alegria, um cheiro leve, mente Estranha, Adrenalina, Uma Autoconfiança Insuperável, Absurda, dores musculares, Felicidade, Tranquilidade, lutas movimentadas, Experiência, Planeta nunca visto antes, eu olhei para o sol de perto, conviveu, levitação parecendo um voo, Bruce Lee, pouco sentimento de Raiva, Autoconhecimento, Chuveiro, Leveza, caos e desanse.

Yuri dos Santos Guimarães / 2011

Leveza

Vários Identidades

Surpresa

Gravidade

BIZZARRO

Estranho

9. APÊNDICE



GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO REGIONAL DE ENSINO DE
BRAZLÂNDIA

Centro de ensino médio 01 de Brazlândia



PLANO DE CURSO PARA FORMAÇÃO GERAL BÁSICA

NOME DA DISCIPLINA: ARTES CENICAS

ÁREA DO CONHECIMENTO: LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS

PROFESSOR(A) RESPONSÁVEL: AYSHA LION

Objetivos de aprendizagem

Unidade temática: LINGUAGENS E SUAS TECNOLOGIAS EM CONTEXTOS E PRÁTICAS CULTURAIS

LGG07FG identificar as produções e manifestações artístico-visuais de diferentes tempos e espaços, associando-as à contemporaneidade e às suas linguagens e tecnologias (grafismos, escritos, desenho, pintura, escultura, gravura, fotografia, cinema, audiovisual) para desenvolver o repertório estético, a dimensão e a fricção cultural, histórica e hodierna das visualidades artísticas (texto, imagem, som, oralidade, corpo) e suas distintas formas de letramentos e multiletramentos, fortalecendo o senso crítico.

LGG49FG Analisar a participação cidadã, democrática, humana, sensível, diversa, por meio do posicionamento crítico das teorias, práticas e relações estéticas da Arte, da Educação Física e das Línguas Portuguesa e Estrangeiras com as novas tecnologias, o meio ambiente e a biodiversidade.

LGG06FG Comparar a construção de campos artísticos, conceitos estéticos e linguísticos sobre as artes cênicas e do espetáculo (teatro, circo, ópera, performances, cerimoniais, eventos esportivos) para analisar o fenômeno cênico a partir do contexto histórico e de atividade artística e cultural em estudo, da observação e da exploração dos seus elementos, e dos seus processos de criação e recepção.

LGG19FG Analisar a invenção do “índio” no cinema, na dança, na música e nas demais composições artísticas e verbais; nos meios e equipamentos de produção e circulação das diferentes linguagens, desconstruindo a tentativa de uniformização de mais de 300 etnias brasileiras, avaliando suas narrativas e suas práticas estéticas, corporais e sociais.

LGG62FG Identificar conceitos sobre o corpo e discursos linguísticos e identitários presentes na expressividade corporal (ações corporais – movimento, espaço, tempo, peso, fluência, conceito de corpo dual, totalidade, corporeidade) para experimentar seus procedimentos de improvisação e criação relacionados aos diferentes modos próprios e sensíveis de criar, recriar e expressar o movimento estético e corporal em contextos pedagógicos, artísticos e desportivos.

LGG63FG Utilizar processos criativos incorporados à corporeidade e suas expressões verbais e estéticas, de modo a desenvolver o repertório artístico e cultural; contribuindo para a autonomia e trajetória de vida por meio do autoconhecimento corpóreo em práticas artísticas, desportivas e expressivas.

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES: (relate de maneira clara a sequência de situações ou atividades educativas a serem realizadas)

Aulas expositivas com apreciação de trabalhos visuais e peças áudio visuais (documentários, filmes, etc.). E também aulas práticas de modo ao aluno se apropriar das artes cênicas. Construção crítica e expressiva do diário de bordo como material avaliativo.

RECURSOS: (relacione todos os espaços, equipamentos e materiais necessários)

Sala de aula, equipamento para a projeção de imagens (televisor, computador, etc.), lousa, papel para atividades de criação do diário de bordo, teatro da escola, salas alternativas para as aulas práticas, lápis de cor, canetinha, tinta, adesivos...entre outros materiais a depender do andamento de aula e turma.

ESTRATÉGIAS DE AVALIAÇÃO: (relate detalhadamente as estratégias e os instrumentos a serem utilizados para avaliar a aprendizagem, bem como as suas propostas de atividades de recuperação processual dos objetivos de aprendizagem)

Estratégia avaliativa 1 – Estudo dirigido bimestral, com questões relativas ao conteúdo, no valor de 2 pontos.

Estratégia avaliativa 2 – Diário de bordo, bimestral, no valor de 1,50 pontos.

Estratégia avaliativa 3 – Atividades práticas em sala de aula, no valor de 0,50 ponto.

Estratégia avaliativa 4 – Prova bimestral, no valor de 5 pontos.

Estratégia de recuperação processual – Estudo dirigido e debate, ao longo do semestre.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES (2 semestres- 1 bimestre)

(explicita as atividades pedagógicas que serão desenvolvidas e identifique a semana em que ocorrerão).

Minutagem	Turmas T/Q	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
13:00 até 13:45	3H,1L		Artes cênicas	Artes cênicas		
13:45 até 14:30	3H,1L		Artes cênicas	Artes cênicas		
14:40 até 15:25	3J,3I		Artes cênicas	Artes cênicas		
15:25 até 17:15	3J,3I		Artes cênicas	Artes cênicas		
16:30 até 17:15	3F,Vago		Artes cênicas	Artes cênicas		
17:15 até 18:00	3F,Vago		Artes cênicas	Artes cênicas		

Dia	Aulas	Turma	Conteúdo	Turno	Minutagem
02/08	1° Terça	3H,3J 3F	Apresentação de conteúdo-Construção diário de bordo	Vesp	Aula 50min-Cada turma 2 aulas
03/08	1° Quarta	1L,3I	Apresentação de conteúdo-Construção diário de bordo	Vesp	Aula 50min-Cada turma 2 aulas
09/08	2° Terça	3H,3J 3F	Construção de diário de bordo-Prática Stanislavsky-Escrita expressiva	Vesp	Aula 50min-Cada turma 2 aulas
10/08	2° Quarta	1L,3I	Construção de diário de bordo-Prática Stanislavsky-Escrita expressiva	Vesp	Aula 50min-Cada turma 2 aulas
16/08	3° Terça	3H,3J 3F	Prática Stanislavsky-Escrita expressiva	Vesp	Aula 50min-Cada turma 2 aulas
17/08	3° Quarta	1L,3I	Prática Stanislavsky-Escrita expressiva	Vesp	Aula 50min-Cada turma 2 aulas
23/08	4° Terça	3H,3J 3F	Prática Stanislavsky-Escrita expressiva-Avaliação processual continua/Processual somatória continua	Vesp	Aula 50min-Cada turma 2 aulas
24/08	4° Quarta	1L,3I	Prática Stanislavsky-Escrita expressiva-Avaliação processual continua/Processual somatória continua	Vesp	Aula 50min- Cada turma 2 aulas

26/08	Fim	Fim	Fim	Fim	Fim
Planos de Aula					
Universidade de Brasilia – UnB-Departamento de Artes Cênicas – CEN Curso: Artes cênicas Aluno (a): Aysha Luiza Silva de Sousa Professor (a) orientador (a): Fabiana Lazzari Disciplina: Artes Professor (a) supervisor (a): Gustavo Oliveira Fonseca					
Aula Número: 01 e 02		Data: 02/08 e 03/08		Carga horaria: 5h	
Tema: Stanislavski-Preparação do ator					
Objetivo: Base teórica para que o aluno se abster da pratica.					
Hora: Cada aula de 50 minutos. Se totalizando um encontro de 01:30. E ao todo 3 turmas por dia.					
Atividade: cinco perguntas descritivas sobre o texto teórico.					
Descrição: Ouve uma aula teórica expositiva. Com leitura coletiva dos alunos junto aos professores. Após o termino da leitura ouve uma atividade descritiva de 5 perguntas sobre o texto exposto.					
Tempo: As duas aulas foram utilizadas com grande aproveitamento. Em algumas turmas foi possível ler o material teórico inteiro. Em outras ficou para a próxima aula.					
Avaliação das aulas: 6 e 7					
Aula Número: 03 e 04		Data: 09/08 e 10/08		Carga horaria: 5h	
Tema: Aula pratica basificado nas ideias de preparação do ator de Stanislavsky					
Hora: Cada aula de 50 minutos. Se totalizando um encontro de 01:40. E ao todo 3 turmas por dia.					
Descrição: Aula pratica dividida por tempos 1- Jogo teatral- Eu me chamo fulano, eu estou aqui e estou de tal forma? A ultima pergunta deve responder com um sentimento que comece com a primeira letra do nome do individuo. 2- Relaxamento: Todos vamos deitar no chão e começar a acordar o corpo. Calmamente e com musicas relaxantes que os coloquem nesse relaxamento. Musicas com sons da natureza. 3- Exercício físico: Vamos começar a andar pelo espaço. De maneira gradativa até a velocidade rápida para que se chegue no cansaço e neutralidade apenas de sentir o cansaço. É importante dizer que o exercício principal é o andar, mas que pode haver outros exercícios com braços, a Exercício e os próprios níveis de altura do corpo (alto, médio e baixo)					

4- Concentração: Após chegar no nível de neutralidade e cansaço. Vai se configurar os exercícios de pausas, para que o aluno sinta a energia e principalmente se concentre naquela sensação daquele corpo. Cada aluno deve sentir seu corpo e principalmente observa seu corpo para a escrita expressiva.

5-Estímulo: Apartir desse momento o aluno se perpassando por todas essas etapas até chegar em suas devidas neutralidades. Vai ser colocado em pratica os estímulos, que podem ser músicas, sons, palavras, poemas, gritos, objetos ou até mesmo líquidos.

6-Escrita expressiva: O aluno se expressa no diário do bordo com suas múltiplas expressividades. Tudo que sentiu durante a aula vai se colocado em pratica em fisicalidade e expressividade no diário de bordo.

Tempo:

Duas aulas de 1:40 com cada uma durando 50 minutos. Minutagem dividida entre os 6 exercícios práticos de Stanislavsky.

1-Jogo Teatral-20 minutos

2-Relaxamento-20 minutos

3-Exercício físico/ Concentração -30 minutos

4-Estímulos-20 minutos

5-Escrita Expressiva-10 minutos

Avaliação das aulas: 9 e 8

Aula Número:05 e 06

Data:16/08 e 17/08

Carga Horaria: 5h

Tema: Aula pratica basificado nas ideias de preparação do ator de Stanislavsky

Hora:

Cada aula de 50 minutos. Se totalizando um encontro de 01:40. E ao todo 3 turmas por dia.

Descrição:

Aula pratica dividida por tempos

1-Jogo teatral- Eu me chamo fulano, eu estou aqui e estou de tal forma? A última pergunta deve responder com um sentimento que comece com a primeira letra do nome do indivíduo.

2-Relaxamento: Todos vamos deitar no chão e começar a acordar o corpo. Calmamente e com músicas relaxantes que os coloquem nesse relaxamento. Músicas com sons da natureza.

3- Exercício físico: Vamos começar a andar pelo espaço. De maneira gradativa até a velocidade rápida para que se chegue no cansaço e neutralidade apenas de sentir o cansaço. É importante dizer que o exercício principal é o andar, mas que pode haver outros exercícios com braços, a Exercício e os próprios níveis de altura do corpo (alto, médio e baixo)

4- Concentração: Após chegar no nível de neutralidade e cansaço. Vai se configurar os exercícios de pausas, para que o aluno sinta a energia e principalmente se concentre naquela sensação daquele corpo. Cada aluno deve sentir seu corpo e principalmente observa seu corpo para a escrita expressiva.

5-Estimulo:Apartir desse momento o aluno se perpassando por todas essas etapas até chegar em suas devidas neutralidades. Vai ser colocado em pratica os estímulos, que podem ser músicas, sons, palavras, poemas, gritos, objetos ou até mesmo líquidos.

6-Escrita expressiva: O aluno se expressa no diário do bordo com suas múltiplas expressividades. Tudo que sentiu durante a aula vai ser colocado em pratica em fisicalidade e expressividade no diário de bordo.

Tempo:

Duas aulas de 1:40 com cada uma durando 50 minutos. Minutagem dividida entre os 6 exercícios práticos de Stanislavsky.

1-Relaxamento- 23 minutos

2-Exercício físico- 23 minutos

3-Concentração-23 minutos

4-Estímulos-23 minutos

5-Escrita Expressiva-10 minutos

Avaliação das aulas: 8 e 7

Aula Número: 07 e 08

Data: 23/08 e 24/08

Carga Horaria:5h

Tema: Aula pratica basificado nas ideias de preparação do ator de Stanislavsky

Hora:

Cada aula de 50 minutos. Se totalizando um encontro de 01:40. E ao todo 3 turmas por dia.

Descrição:

Aula pratica dividida por tempos

1-Relaxamento: Todos vamos deitar no chão e começar a acordar o corpo. Calmamente e com músicas relaxantes que os coloquem nesse relaxamento. Músicas com sons da natureza

2- Exercício físico: Vamos começar a andar pelo espaço. De maneira gradativa até a velocidade rápida para que se chegue no cansaço e neutralidade apenas de sentir o cansaço. É importante dizer que o exercício principal é o andar, mas que pode haver outros exercícios com braços, a Exercício e os próprios níveis de altura do corpo (alto, médio e baixo)

3- Concentração: Após chegar no nível de neutralidade e cansaço. Vai se configurar os exercícios de pausas, para que o aluno sinta a energia e principalmente se concentre naquela

sensação daquele corpo. Cada aluno deve sentir seu corpo e principalmente observa seu corpo para a escrita expressiva.

4-Estimulo: Apartir desse momento o aluno se perpassando por todas essas etapas até chegar em suas devidas neutralidades. Vai ser colocado em pratica os estímulos, que podem ser músicas, sons, palavras, poemas, gritos, objetos ou até mesmo líquidos.

5-Escrita expressiva: O aluno se expressa no diário do bordo com suas múltiplas expressividades. Tudo que sentiu durante a aula vai ser colocado em pratica em fisicalidade e expressividade no diário de bordo.

Tempo:

Duas aulas de 1:40 com cada uma durando 50 minutos. Minutagem dividida entre os 6 exercícios práticos de Stanislavsky.

1-Relaxamento-20 minutos

2-Exercicio físico- 20 minutos

3-Concentração-20 minutos

4-Estimulos-20 minutos

5-Escrita Expressiva-10 minutos

6-Avaliação Processual 1,50-10 minutos

Avaliação das aulas: 9 e 8

Observação: as aulas possuem um vínculo repetitivo em algumas etapas pois se trata de um processo continuo do corpo dos alunos que se utilizam das ferramentas de Stanislavsky da preparação do ator.

Planejamento Final